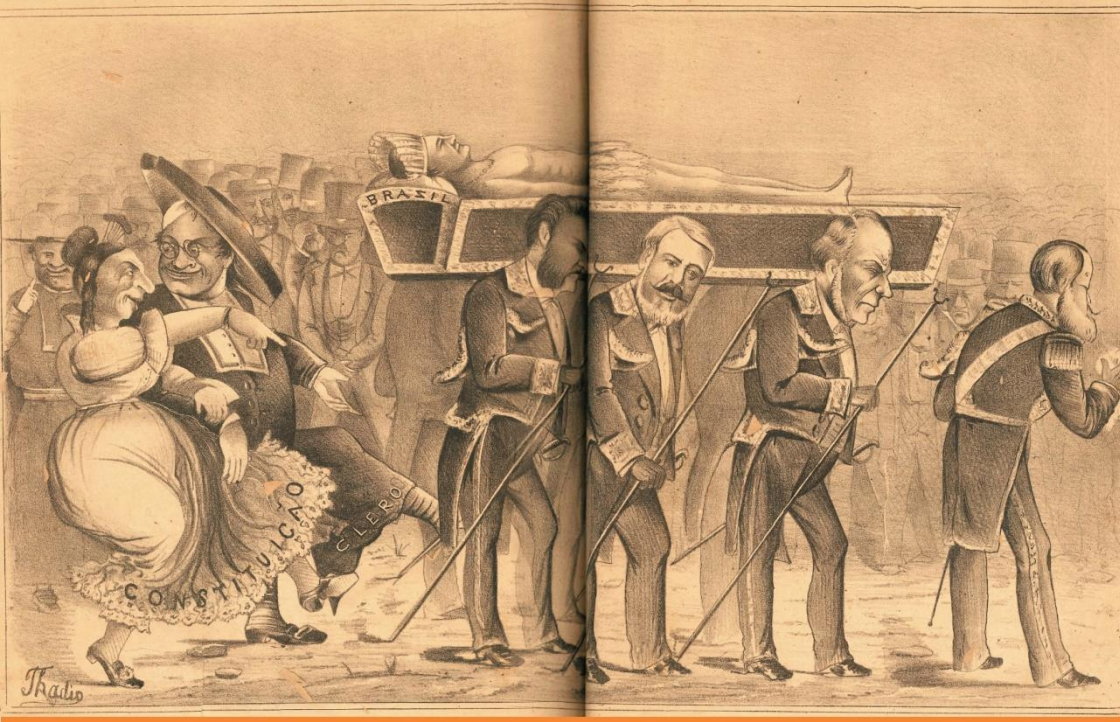



# O Diabrete: dois ensaios a respeito da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

134

COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

UNIVERSIDADE ABERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH de Estudos Globais
2020-2025

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

# *O Diabrete:* dois ensaios a respeito da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina

- 134 -

COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

# CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO


**Alvaro Santos Simões Junior**
- Universidade Estadual Paulista – Assis -
**António Ventura**
- Universidade de Lisboa -
**Beatriz Weigert**
- Universidade de Évora -
**Carlos Alexandre Baumgarten**
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -
**Ernesto Rodrigues**
- CLEPUL – Universidade de Lisboa -
**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**
- Universidade de Santiago de Compostela -
**Francisco Topa**
- Universidade do Porto -
**Isabel Lousada**
- Universidade Nova de Lisboa -
**João Relvão Caetano**
- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -
**José Eduardo Franco**
- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -
**Maria Aparecida Ribeiro**
- Universidade de Coimbra -
**Maria Eunice Moreira**
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –
**Maria Cristina Firmino Santos**
- Universidade de Évora -
**Vania Pinheiro Chaves**
- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# *O Diabrete*: dois ensaios a respeito da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025

**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande
2026

## DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

**DIREÇÃO:**
José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

**COMISSÃO PEDAGÓGICA:**
João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

**ASSESSORIA EXECUTIVA:**
Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

## DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

**Presidente:** Francisco das Neves Alves
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

**Ficha Técnica**
- Título: *O Diabrete*: dois ensaios a respeito da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 134
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-114-9

**CAPA:** DIABRETE. Rio Grande, 4 maio 1879

**O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Sem constituir postes de injustificáveis agressões, *O Diabrete* procurará timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a seguinte legenda que lhe será norma em suas árduas pugnas: *Lectore dilectanti pariterque monendo*.

**O DIABRETE, 4 jul. 1875**

# SUMÁRIO

*Revista Ilustrada* **e** *O Diabrete*: **interseções imagéticas em 1880 / 13**

*O Diabrete* **e a crítica política do senso comum / 87**

# *Revista Ilustrada* e *O Diabrete*: interseções imagéticas em 1880

A imprensa ilustrada voltada ao humor, à crítica, à ironia, ao sarcasmo e ao satírico, utilizando estratégias discursivas e imagéticas embasadas em textos incisivos e diretos e em caricaturas cáusticas e mordazes ganhou o gosto do público leitor brasileiro, notadamente na segunda metade do século XIX. Como epicentro cultural no contexto brasileiro, promovendo hábitos, costumes e modismos, o Rio de Janeiro também teve na produção da arte caricatural um tópico que exerceria amplo alcance no resto do país. As mais importantes revistas caricatas circularam na capital nacional e, a partir de seus padrões editoriais, lançaram modelos que viriam a se espalhar pelas maiores cidades do país. Tal fenômeno ocorreria também no que tange à imprensa caricata carioca e a da cidade do Rio Grande, uma das mais meridionais do Brasil. Este ensaio constituiu um breve estudo de caso sobre a influência da *Revista Ilustrada* na publicação caricata rio-grandina *O Diabrete*, no ano de 1880.

Ao introduzir a imagem como recurso jornalístico, a imprensa caricata passou a lançar mão de uma estratégia alternativa que atraiu o público. Tal acréscimo trouxe consigo a perspectiva pela qual a imagem é modelada por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação

a uma organização simbólica, como no caso de uma cultura ou uma sociedade. Além disso, a imagem é um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas, sendo universal, mas sempre particularizada[1]. No que se refere aos testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens, os mesmos são de valor real, uma vez que elas proporcionam acesso a aspectos dos tempos pretéritos que outras fontes não alcançam e seu testemunho é particularmente valioso nas ocasiões em que os textos disponíveis são poucos e ralos. Nesse caso, como as imagens são muitas vezes ambíguas ou polissêmicas, o seu testemunho necessita ser colocado no "contexto", ou melhor, em uma séria de contextos[2].

A presença da imagem traz consigo o contraponto entre a análise do espaço para a elaboração de narrativas visuais e a perspectiva de imagens que apenas se destinam a ilustrar textos, podendo prevalecer a possibilidade de uma interação equilibrada e produtiva entre os dois registros, ou seja, o textual e o iconográfico[3]. No caso do jornalismo, a utilização da imagem constituiu um fator atrativo, servindo para a ampliação do quadro de leitores. Na qualidade de uma

---

[1] AUMONT, Jacques. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1993. p. 131.

[2] BURKE, Peter. *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 277, 278 e 282.

[3] RAMIRES, Alexandre. Combates pela imagem na História do século XX – um percurso pessoal. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 535.

mensagem visual composta de diferentes tipos de signos, a imagem pode ser considerada como uma linguagem, ou seja, como um instrumento de expressão e de comunicação[4]. Na imprensa periódica, houve uma articulação entre o textual e o imagético, de modo que ambos cumpriram funções complementares, integrando-se mutuamente[5].

Especificamente quanto à imprensa ilustrada de cunho humorístico, a informação visual proporcionada pela caricatura nas suas definições e nos seus significados associativos, permite que os leitores sejam coparticipantes em um alfabeto a apreender, e em uma verdadeira tipologia de símbolos, integrados no desenrolar dos acontecimentos ou conjunturas históricas, mais ou menos complexas. Diante disso, torna-se necessário perceber o ponto de vista de quem faz a caricatura, as suas qualidades e o seu potencial expressivo, para inseri-los no contexto da crítica. Muitas vezes, a caricatura pode ter o seu significado imediatamente perceptível a quem desprevenidamente a observe, entretanto, acontece por vezes, que a crítica ilustrada se dirige a um acontecimento ou a atuações particulares de figuras públicas da história, exigindo, portanto, uma prévia elucidação sobre o tema. Assim, para além da identificação imediata e da captação formal e/ou técnica dos objetos, torna-se necessária uma

---

[4] JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 55.

[5] GONZÁLES, José Antonio Moreiro & ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 121.

exploração de significados, de relações entre as imagens e, finalmente, uma integração nos conteúdos abordados[6].

A imprensa ilustrada e humorística teve na imagem, mormente a caricatura, uma de suas seivas editoriais. A partir da relevância do imagético, para tal gênero jornalístico, no século XIX, a arte litográfica desempenhou um papel fundamental de difusão, uma vez que esta permitiu uma ampliação das tiragens e, por conseguinte, um alcance ainda maior em relação ao público leitor. A litografia, cuja denominação advém do grego – pedra e escrita –, tem por objetivo substituir a madeira ou os metais que servem para executar as gravuras por uma pedra calcária, com a finalidade de reduzir o preço da reprodução das obras de desenho. Sua ação não se vincula a gravar em relevo sobre a pedra, mas sim de modificar quimicamente a sua superfície de sorte que certas partes possam receber a tinta de impressão e outras rejeitem a mesma. Nesse sentido, para obter uma prova por meio da litografia, é necessário que seja utilizada uma pedra calcária muito fina e suscetível de receber um polido perfeito, sobre o qual a pena e o lápis resvalem com a maior facilidade. Tal variedade de calcário – carbonato de cal – tem o nome particular de *pedra litográfica* e, para poder ser usada pelo litógrafo precisa receber apenas um brunido conveniente. Diante disso, o artista que deseja obter a reprodução de um desenho, executa-o sobre uma pedra bem polida, servindo-se de um lápis feito de matéria

---

[6] MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 3.

oleosa, e, quando está acabado o desenho, passa por cima da pedra um pouco de água, contendo uma certa quantidade de água-forte. Esse ácido corrói a pedra nos pontos não protegidos pelo traço do lápis e deixa-a intacta nos outros. Terminada tal operação, lava-se a pedra com água e, por fim, com essência de terebintina para apagar todo o vestígio do desenho primitivo e da matéria oleosa. A partir daí, ao colocar-se tinta por cima da pedra assim preparada, pode-se obter, por meio da prensa, uma prova do desenho sobre papel. O processo opera-se por uma modificação física na superfície da pedra por causa da ação corrosiva da água-forte, de modo que as partes atacadas pelo ácido não podem impregnar-se de tinta, enquanto que as partes não tocadas por ele podem conservá-la[7].

Uma vez realizada a reprodução, a tiragem das litografias opera-se por meio de uma prensa diferente do prelo tipográfico, sendo indispensável para o bom êxito da tiragem que a pedra se conserve constantemente úmida, pois, sem tal precaução, a tinta se depositaria por toda a parte uniformemente e não se conseguiria resultado algum. Nessa linha, o litógrafo precisa umedecer de novo, depois de cada prova, a superfície da pedra[8]. Dessa maneira, a litografia, como um processo de gravação sobre pedra calcária, traz consigo a impressão que consiste em fixar a imagem com tinta graxa, usando lápis ou pincel no suporte umedecido com água, que adere apenas às partes não cobertas pela tinta

---

[7] FIGUIER, Luiz. *Grandes invenções antigas e modernas nas ciências, indústria e artes*. Porto: Livraria Internacional, 1873. p. 37-39.

[8] FIGUIER, p. 40.

gordurosa[9]. Tal arte de impressão possibilitou a produção de imagens a custo mais reduzido, com a promoção do crescimento da figura impressa, a qual trouxe uma mudança profunda da comunicação visual, permitindo que as imagens ficassem disponíveis para difusão[10]. A partir dela, tornou-se possível imprimir imagens em larga escala e a custo reduzido e, a difusão de gravuras e outros impressos ilustrados a preços mais populares, trazendo forte impacto social[11]. Diante disso, a litografia foi utilizada em significativa escala por mestres eminentes e talentosos e grandes desenhadores a ela dedicaram-se[12].

Os progressos advindos da arte litográfica puderam ser amplamente observados a partir da expansão da imprensa ilustrada, como foi o caso daquela dedicada a um enfoque predominantemente satírico-humorístico, evidenciado a partir do jornalismo dedicado à divulgação de caricaturas, o qual, por meio de um mote crítico-opinativo, trouxe uma nova e diferenciada proposta editorial. Nesse caso, na ausência da fotografia, a ilustração registrava o mais fielmente possível as mudanças que ocorriam na sociedade. Além disso, a presença da caricatura acrescentava a essa visão

---

[9] BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 233.

[10] BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 47.

[11] CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgar Blücher, 2004. p. 51.

[12] GRAÇA, Renato da Silva. *Breve história da litografia: sua introdução e primeiros passos em Portugal*. Lisboa: Litografia de Portugal S.A., 1993. p. 24.

a sátira, a ironia, a informalidade e o deboche, de modo que a fase de fastígio das publicações ilustradas do gênero abrange os séculos XIX e XX, devendo-se aos primeiros chargistas uma contribuição certamente pioneira e principalmente normativa[13]. Nesse sentido, as folhas caricatas divulgavam pelo meio impresso, os diálogos do dia a dia, travados nas ruas, nos bares, nos restaurantes ou mesmo nos lares, os ditados populares, as piadas e os trocadilhos que se espalhavam pelas cidades e, enfim, as vivências e convivências no seio das sociedades, as quais eram repassadas aos leitores como se fossem uma conversa informal entre dois conhecidos[14].

Apesar dos progressos e possibilidades de ampliação de tiragens, a litografia não constituía uma arte gráfica de fácil realização, exigindo um esforço redobrado do litógrafo/desenhista para empreender seu trabalho. Tal fator ficaria ainda mais evidenciado em se tratando da pequena imprensa, em meio a qual esteve inserido o periodismo voltado à divulgação da arte caricatural. No caso do Rio de Janeiro, as revistas caricatas podiam contar com um amplo mercado consumidor, havendo inclusive a possibilidade de circulação em outros locais do país, o que poderia garantir maior estabilidade na execução das mesmas. Já em outras, cidades, mormente as do interior, como era o

---

[13] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 123.

[14] Contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A arte caricatural e litográfica no sul do Brasil: três olhares sobre a carreira de Thadio Alves de Amorim*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 59-65.

caso do Rio Grande, os recursos eram bem mais escassos, transformando tais empreendimentos gráficos em atividades praticamente unipessoais, ou seja, o responsável pela folha era o executor da maior parte das etapas da confecção do periódico. Levando em conta a influência exercida pela caricatura carioca e mesmo por razões pragmáticas, houve a reprodução de ilustrações publicadas no centro do país por parte das edições interioranas. Esse foi o caso da *Revista Ilustrada* e de *O Diabrete*.

A *Revista Ilustrada* foi uma das mais importantes publicações ilustradas e humorísticas do Brasil do século XIX. Fundada em 1876, pelo artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, ela influenciou diretamente a arte caricatural expressa por meio da imprensa nas mais variadas localidades brasileiras que adotaram tal gênero jornalístico. Agostini foi jornalista, editor e militante político, mas, como ilustrador e caricaturista, se consagrou[15]. Sua produção, além de extensa, adquiriu características diversas e acentuou sua principal habilidade, a de sensível cronista visual[16]. Ele engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu, manejando o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticuloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação

---

[15] COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 249.

[16] MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011. p. 85.

que se exteriorizava nesses detalhes[17]. Na *Revista* aparecia uma crônica do cotidiano e de costumes, estabelecendo uma proximidade com o leitor, criando com este uma comunicação direta e espontânea, impregnada ora de delicadeza, ora de humor, ora de atrevimento[18]. Com a *Revista Ilustrada*, Agostini atingiu o clímax de sua trajetória, exercendo influência na opinião pública nacional[19].

Ao apresentar-se em seu número inaugural, a *Revista* exclamava que abrissem caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Revelando sua experiência nas lides jornalísticas, o redator destacava que ele não era nenhum calouro, que pretendesse entrar com pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua voz pelo diapasão da grande orquestra da imprensa humorística carioca. Inclusive, enfatizava que se dava o contrário, por tratar-se de um veterano, já muito calejado nas lides semanais que voltava resfolgado à cena. Dizia que seu programa é dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por causa disso lhe caísse algum dente.

---

[17] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217-218 e 220.

[18] SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 221 e 229.

[19] MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. p. 208

Perguntava se os leitores estariam prevenidos, pois quem se zangasse com ele poderia ficar certo de perder o seu latim (REVISTA ILUSTRADA, 1º jan. 1876).

Na cidade do Rio Grande circulou *O Diabrete*, entre 1875 e 1881, cujo viés mais relevante foi o voltado à crítica política, vindo a constituir uma das mais importantes publicações de seu gênero na conjuntura rio-grandense-do-sul. O periódico se apresentou como aquele que, "sem constituir postes de injustificáveis agressões", procuraria "timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a legenda" que lhe serviria como "norma em suas árduas pugnas – *Lectore dilectanti pariterque monendo*". Com jocosidade, afirmava que, "quando a generalidade dos leitores, beatificamente diz com a devoção que lhe é peculiar – "Livre-nos Deus da tentação do demônio", constituiria, "sem dúvida, árduo trabalho para apresentar-lhe" aquele "*Diabrete* e pedir-lhe não só que se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispense a valiosa e nunca assaz louvada proteção", a qual, "a esmo dispensam a outros *diabretes* de formas várias que por aí vivem a levar a mais perigosa ebulição a incautos e desprevenidos corações" (O DIABRETE, 4 jul. 1875). Ainda quanto à sua missão, declarava que "a pena do jornalista, como a espada da justiça, deve estar sempre prestes, para, sem distinção, castigar os culpados ou defender as vítimas destes" (O DIABRETE, 7 nov. 1875). Como era típico da imprensa caricata de então, o semanário buscava ter um papel moralizador, propondo-se a exercer a função de "reformador", que a sociedade estaria a necessitar, pensando assim em "dar prova de sua abnegação,

tomando sobre seus ombros esse encargo"[20] (O DIABRETE, 5 out. 1879).

A crítica política, a de cunho social e a de costumes foram os alicerces editoriais das publicações ilustradas e humorísticas, praticando-as de forma inter-relacionada com o papel moralizador que atribuíam a si mesmas, no sentido de apontar, denunciar e condenar as mazelas que atormentavam a sociedade[21]. Nesse quadro, na prática da crítica, houve várias interseções imagéticas entre a *Revista Ilustrada* e *O Diabrete*. O olhar crítico e caricatural sobre a sociedade brasileira em seus diversos fundamentos trazia uma análise normalmente negativa acerca dos mesmos, a partir de um país monárquico, conservador, escravista, centralizador e concentrador de poder em termos político-administrativos.

A crítica social e de costumes foi uma das mais presentes nas reproduções realizadas por *O Diabrete* em relação à *Revista Ilustrada*. Uma das primeiras manifestações nesse sentido tratava jocosamente um costume que deveria prender-se ao ambiente praiano, mas que atingiria em cheio os costumes durante o

---

[20] Acerca de *O Diabrete*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 160-168.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-194.

[21] Cenário traçado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Imagens espelhadas: reflexos da *Revista Ilustrada* na caricatura rio-grandina (*O Diabrete*, 1879). In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *História e imagética: interfaces entre a cidade do Rio Grande e a imprensa carioca*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024. p. 11-21.

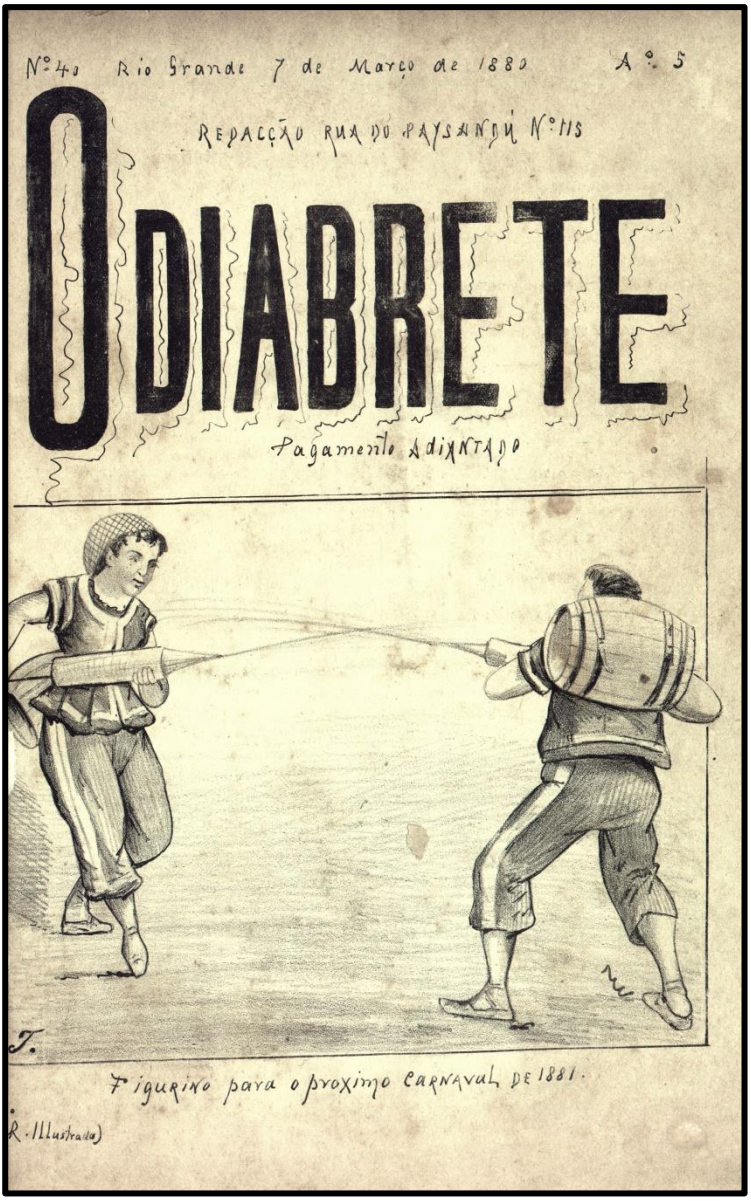
carnaval, com o uso de bisnagas, cujo grande objetivo era molhar outrem (REVISTA ILUSTRADA, 14 fev. 1880; O DIABRETE, 7 mar. 1880). Uma das grandes discussões em termos mercantis em meio à sociedade brasileira do século XIX era acerca da abertura das casas comerciais aos domingos, com constantes idas e vindas, sendo mostrado pelas publicações um momento em que favorecia os negociantes, felizes com a notícia nos jornais quanto à "reabertura das portas", e, por outro lado, o espanto dos empregados (REVISTA ILUSTRADA, 21 fev. 1880; O DIABRETE, 7 mar. 1880). Em termos de constituir uma espécie de coluna social, refletindo sobre o *high-life* brasileira, notadamente quanto à alta sociedade e, mais especificamente, à família imperial, as revistas divulgaram com uma pitada de humor as dificuldades que a comitiva imperial enfrentava com o relevo e com as intempéries, para chegar até a uma província sul-brasileira (REVISTA ILUSTRADA, 5 jun. 1880; O DIABRETE, 27 jun. 1880). Os festejos em relação às efemérides estiveram igualmente na pauta dos semanários, como foi o caso de mais um centenário da morte de Camões, observado por eles com certo ceticismo e sarcasmo (REVISTA ILUSTRADA, 19 jun. 1880; O DIABRETE, 4 ago. 1880). Do ponto de vista socioeconômico, utilizando-se de figuras com inspiração na mitologia greco-romana, os periódicos lançavam críticas aos privilégios que o comércio estaria dando em relação à indústria estrangeira, em detrimento da nacional (REVISTA ILUSTRADA, 4 set. 1880; O DIABRETE, 10 out. 1880)

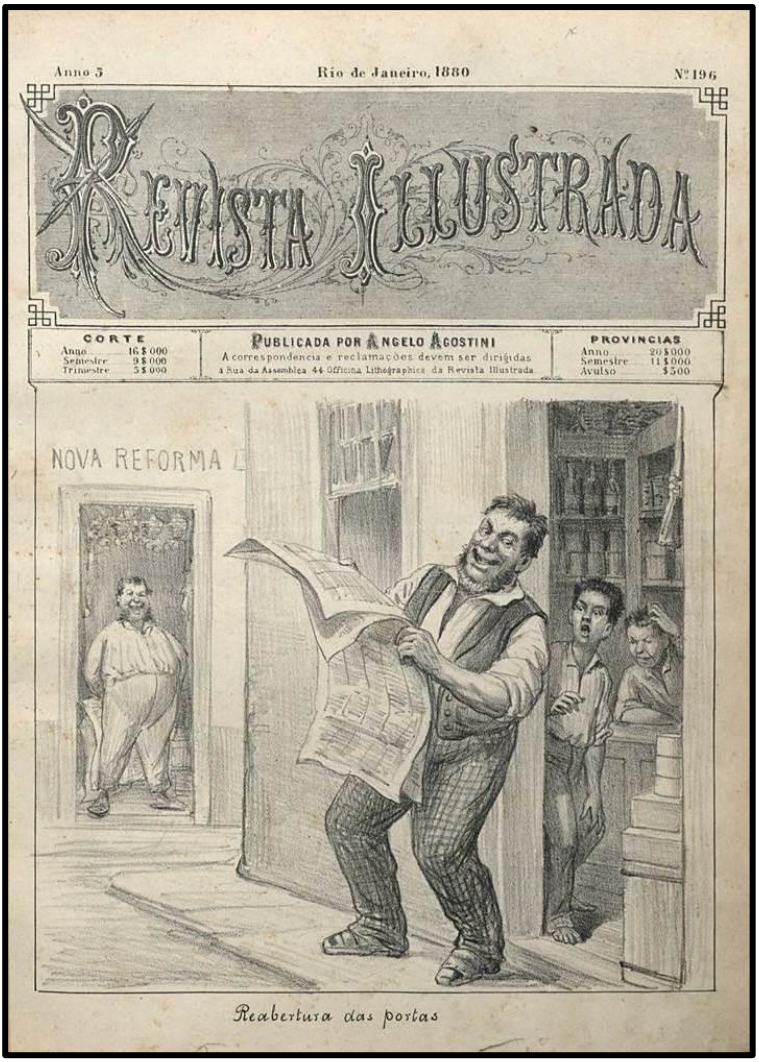
Anno 3 — Rio de Janeiro, 1880 — Nº 195

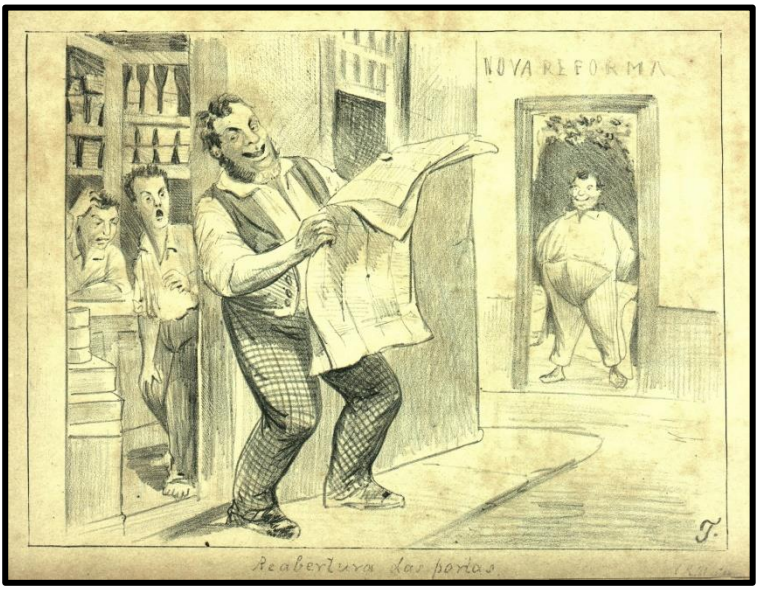
# Revista Illustrada

| CORTE | | PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI | PROVINCIAS | |
|---|---|---|---|---|
| Anno | 16$000 | A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas | Anno | 20$000 |
| Semestre | 9$000 | á Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada. | Semestre | 11$000 |
| Trimestre | 5$000 | | Avulso | $500 |

Figurino para o proximo carnaval de 1881

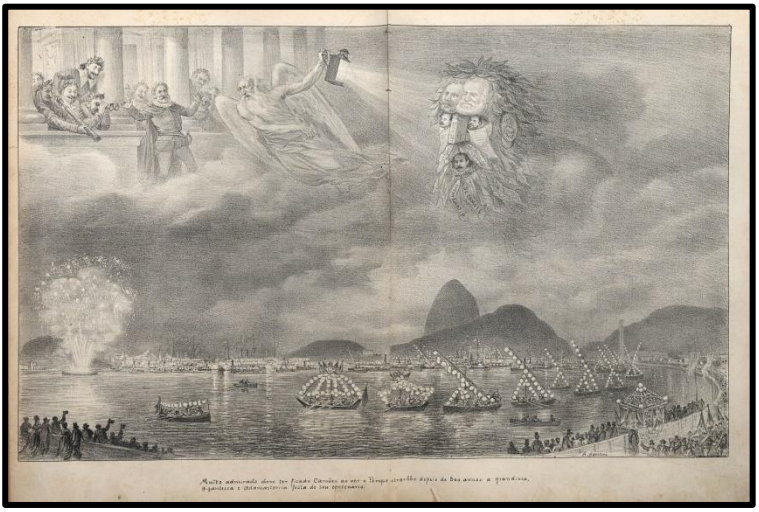

Nº 40 Rio Grande 7 de Março de 1880 Aº 5
REDACÇÃO RUA DO PAYSANDÚ Nº 115
O DIABRETE
Pagamento Adiantado
Figurino para o proximo carnaval de 1881.
R. Illustrada)

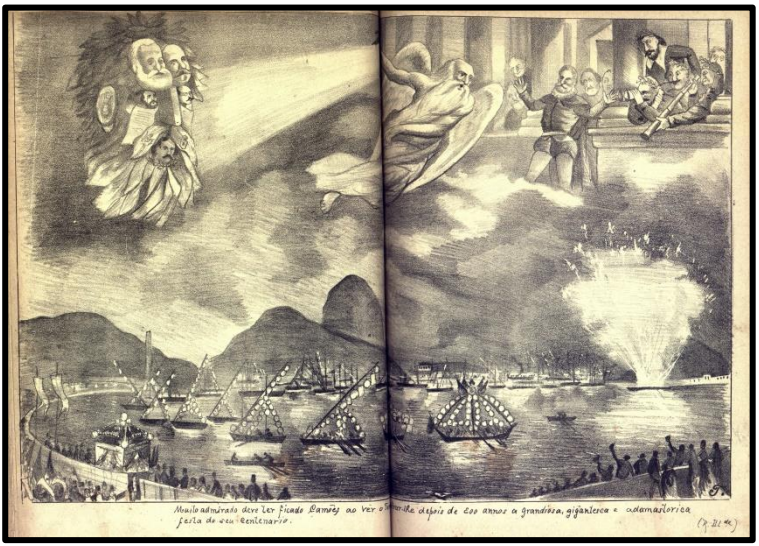

Anno 5
Rio de Janeiro, 1880
Nº 196
Revista Illustrada
CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000
PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
á Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada
PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500
NOVA REFORMA
Reabertura das portas


NOVA REFORMA
Reabertura das portas

A viagem de SS. MM. Imperiais na provincia do Paraná.

A Viagem de SS. Mt. na provincia do Jarama.



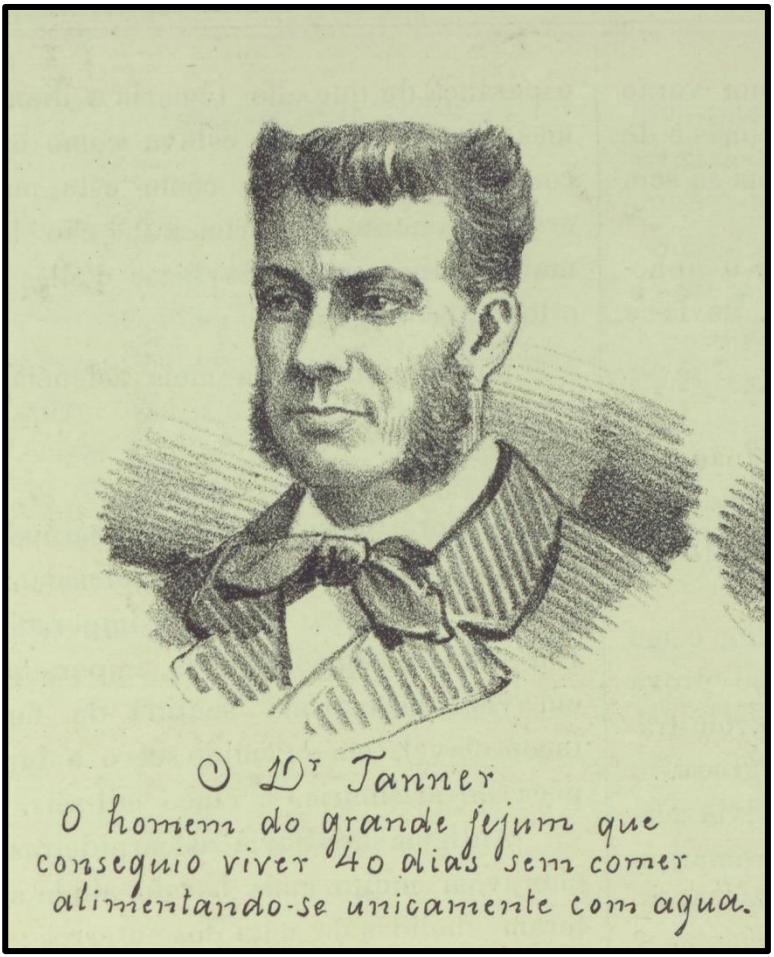


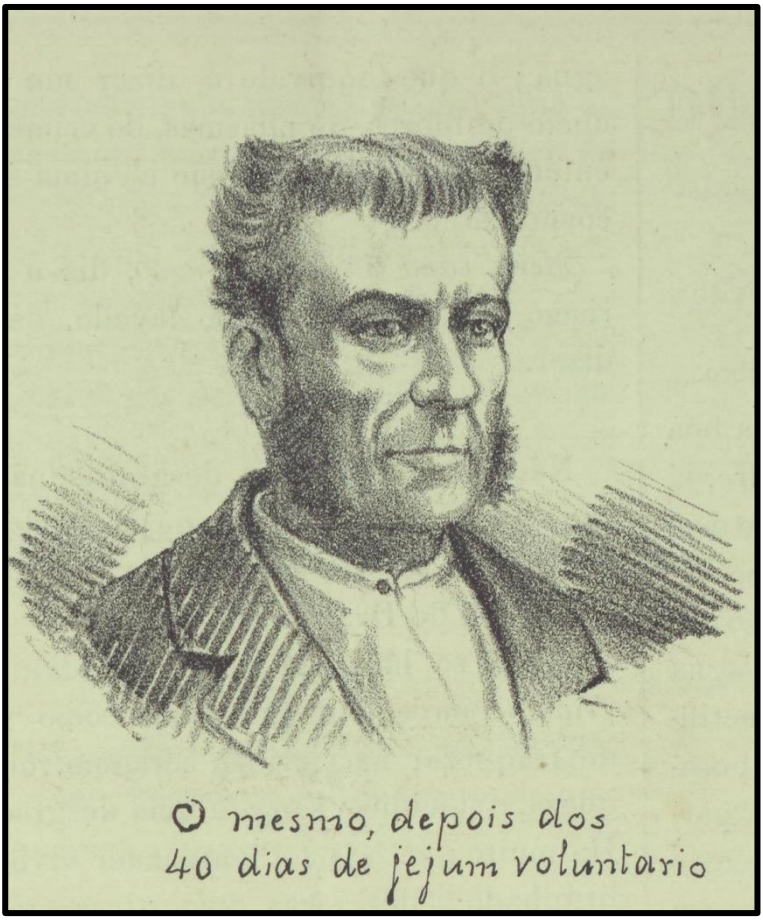
Mundo admirado deve ter ficado Camões ao ver o [illegible] depois de 400 annos a grandiosa, gigantesca e [illegible] festa do seu centenario.

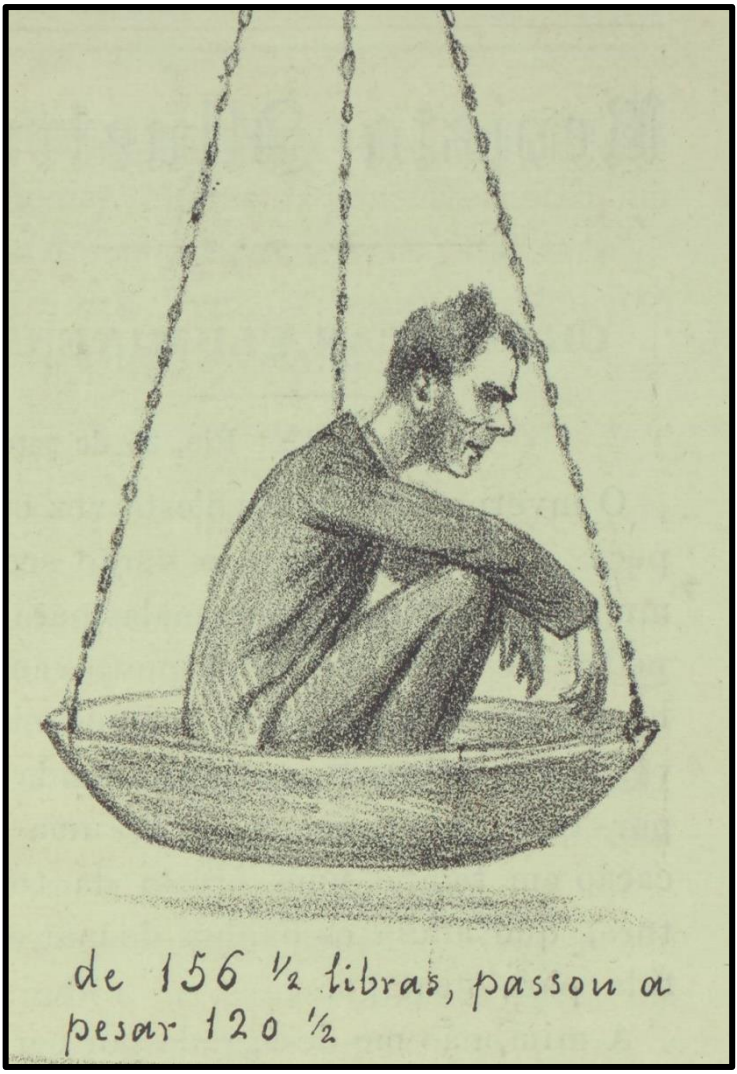
Actual posição das duas industrias

Ainda em termos sociais, os hebdomadários apresentavam a experiência de um indivíduo que conseguira sobreviver por quarenta dias de jejum, passando a refletir sobre tal projeto, mormente alocando-o para o contexto brasileiro, dizendo que o mesmo teria causado admiração dos cientistas, mas ojeriza de parte dos cozinheiros e talvez até ser assassinado pelos fornecedores de alimentos, ao passo que os administradores nacionais se aproveitariam do exemplo para diminuir as rações dos militares, enquanto alguns clérigos ameaçariam largar a batina, por se negarem a esse tipo de abstinência, bem de acordo com a crítica de costumes anticlerical típica dessas folhas, contestando ironicamente as datas religiosas em que os padres defendiam o ato de jejuar, sem necessariamente praticá-

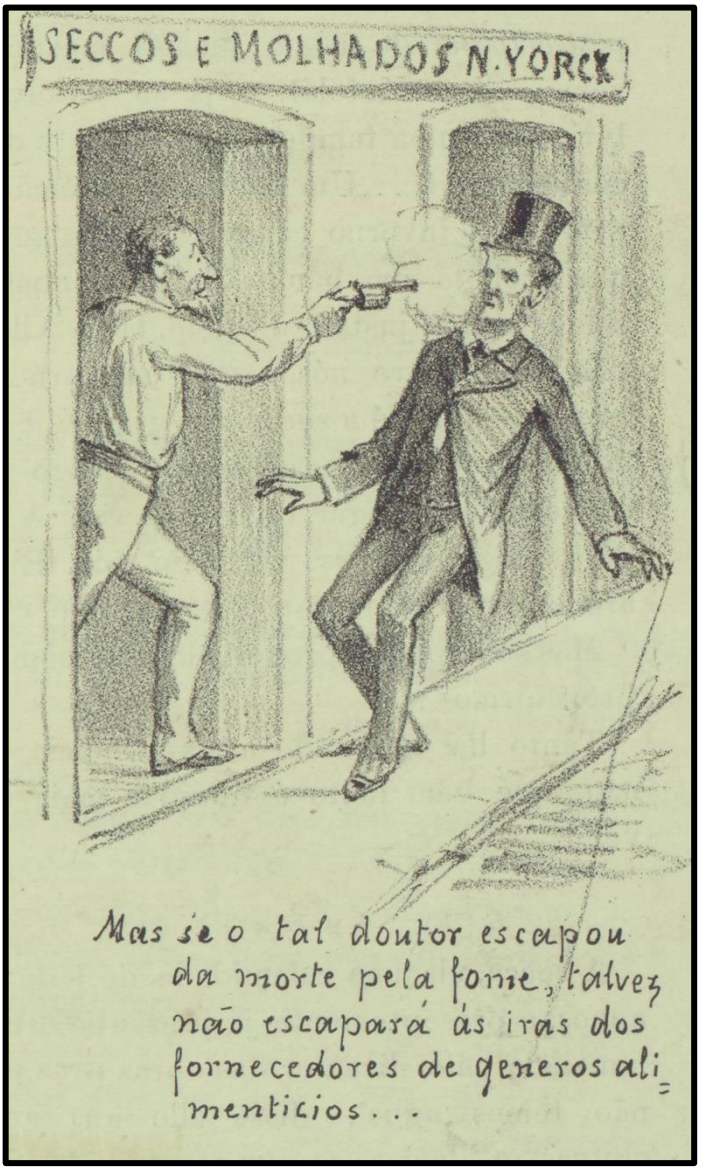
lo. Nesse conjunto caricatural, a publicação ri-grandina suprimiu as três últimas ilustrações (REVISTA ILUSTRADA, 25 set. 1880; O DIABRETE, 24 out. 1880). O ideal abolicionista era um conteúdo constante em tais periódicos, tecendo profundas críticas aos escravocratas, como designou a ilustração em que um defensor da manutenção da escravidão buscava defender tal continuidade, mantendo um escravo trabalhando sobre seu controle e buscando defender-se com um guarda-chuva de uma enorme tempestade que se aproximava, trazendo ao fundo a figura feminina que simbolizava a liberdade, rompendo os grilhões da escravatura, com a certeza de que aquela "nuvem" da "emancipação" crescia "cada vez mais" e acabaria vitoriosa (REVISTA ILUSTRADA, 6 nov. 1880; O DIABRETE, 12 dez. 1880). Outra abordagem acerca do social por parte dos semanários deu-se através de manifestações encomiásticas, que promoviam uma ação laudatória em relação a determinados personagens. Foi o caso da precursora da enfermagem brasileira, Ana Nery, com ativa na participação na assistência aos feridos na Guerra da Tríplice Aliança, que falecera recentemente, recebendo um elogio póstumo (REVISTA ILUSTRADA, 22 maio. 1880; O DIABRETE, 5 jun. 1880). Outro homenageado foi o compositor brasileiro, que ganhou fama como autor de óperas Antônio Carlos Gomes (REVISTA ILUSTRADA, 19 jul. 1880; O DIABRETE, 8 ago. 1880). Também da do campo musical, houve uma manifestação panegírica acerca de Jacques Offenbach, compositor e violoncelista alemão que se radicou na França, dedicando-se à opereta e à música de tom satírico (REVISTA ILUSTRADA, 30 out. 1880; O DIABRETE, 21 nov. 1880).

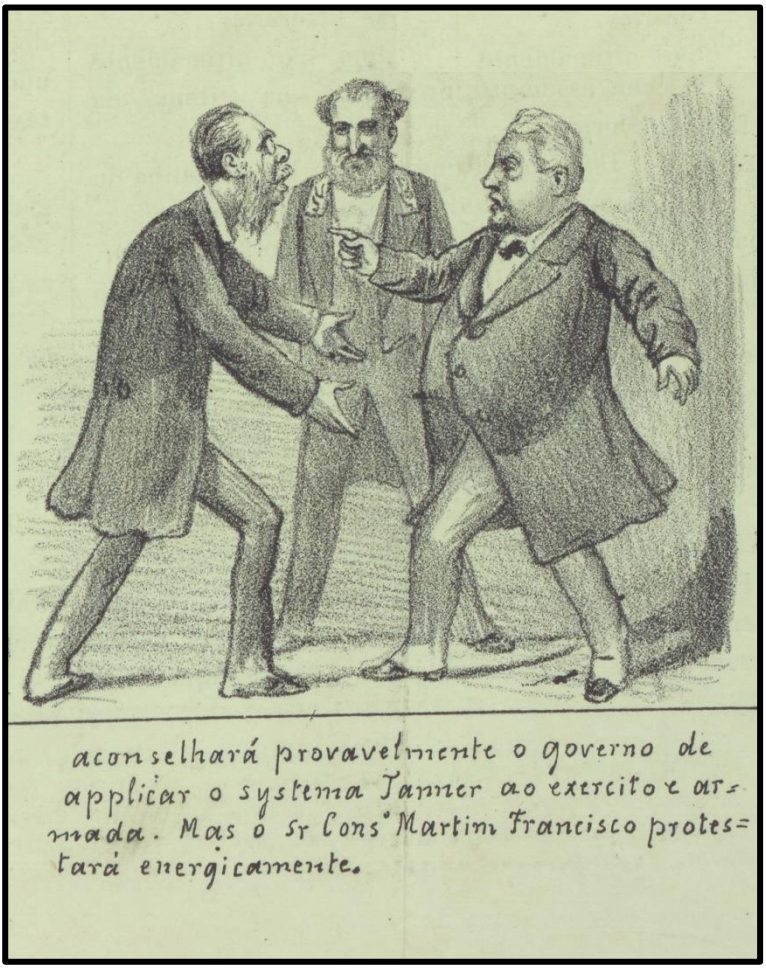

O Dr Tanner
O homem do grande jejum que
conseguio viver 40 dias sem comer
alimentando-se unicamente com agua.

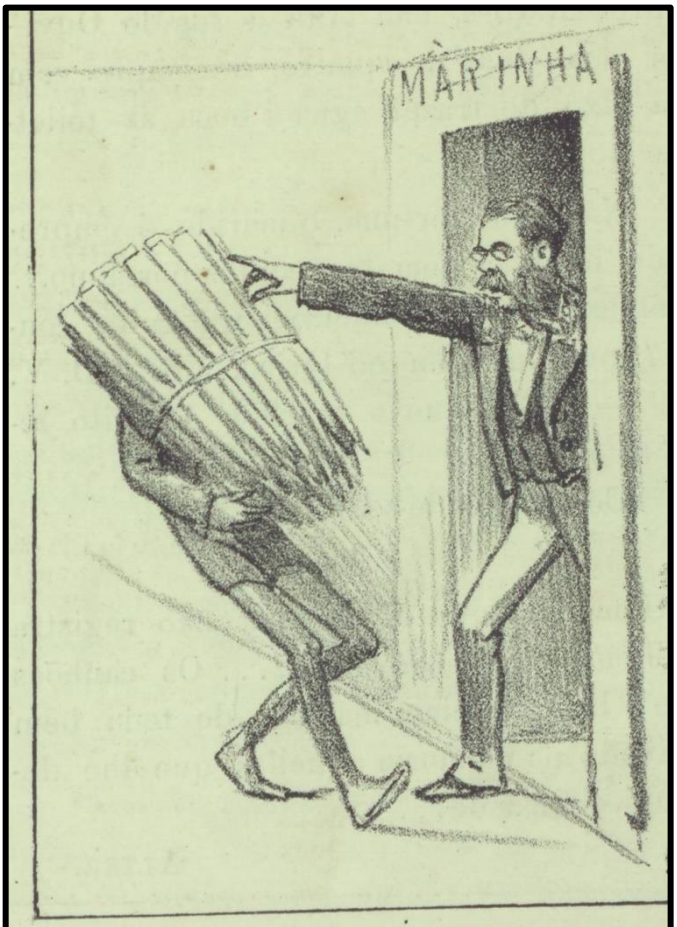

O mesmo, depois dos
40 dias de jejum voluntario


de 156 ½ libras, passou a
pesar 120 ½

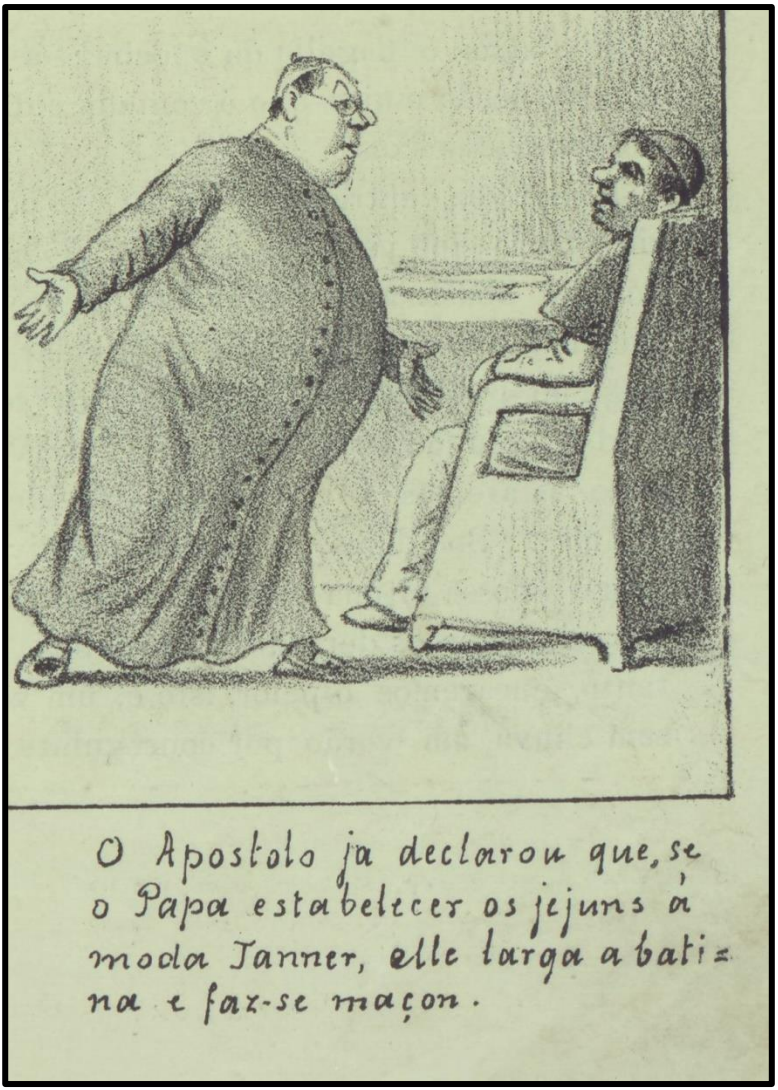
Se a experiencia do Dr Tanner tem
causado a admiracão dos homens da sciencia,
tambem tem criado
odios e posto em alarma
todo o exercito da arte
culinaria. Se a moda
pega em jejuar assim,
adeus cósinha!


SECCOS E MOLHADOS N. YORCK
Mas se o tal doutor escapou da morte pela fome, talvez não escapará ás iras dos fornecedores de generos alimenticios...

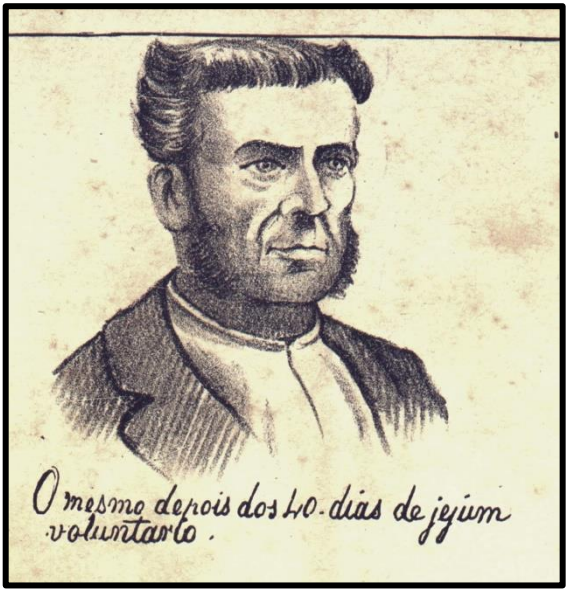

aconselhará provavelmente o governo de
applicar o systema Jamer ao exercito e ar=
mada. Mas o sr Cons° Martim Francisco protes=
tará energicamente.

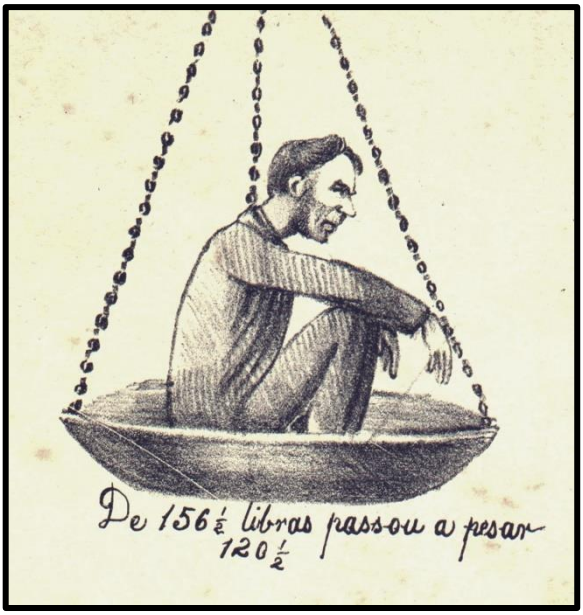



O Cons.º Andrada Pinto que suppri=
miu os palitos, como medida
economica,


O Apostolo ja declarou que, se
o Papa estabelecer os jejuns á
moda Tanner, elle larga a bati=
na e faz-se maçon.

O Dr Tanner o homem do grande jejum
conseguio viver 40 dias sem comer alimentan
do-se unicamente com agua.


O mesmo depois dos 40. dias de jejum
voluntario.


De 156½ libras passou a pesar
120½

Se a experiencia do Dr Tanner tem causado a admiração dos homens da sciencia.
tambem tem creado odios e posto em alarma todo o exercito da arte culinaria.
Se a moda pega em jejuar assim adeus cosinha!

Mas se o tal Dr escapou da morte pela fome talvez não escapará as iras dos fornecedores de generos alimenticios
Do R. Illust.

Anno 5 Rio de Janeiro, 1880. Nº 229

REVISTA ILLUSTRADA

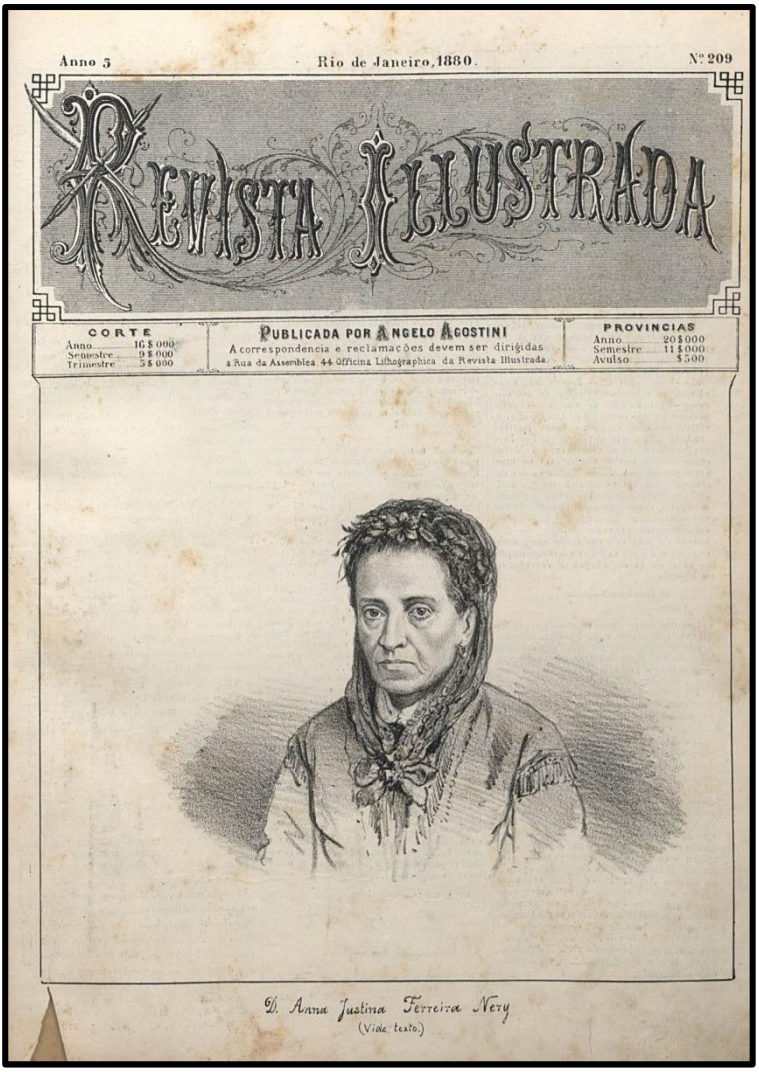
CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
á Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500

Uma nuvem que cresce cada vez mais.

Uma nuvem que cresce cada vez mais
D. R. M.



Anno 5 · Rio de Janeiro, 1880. · Nº 209

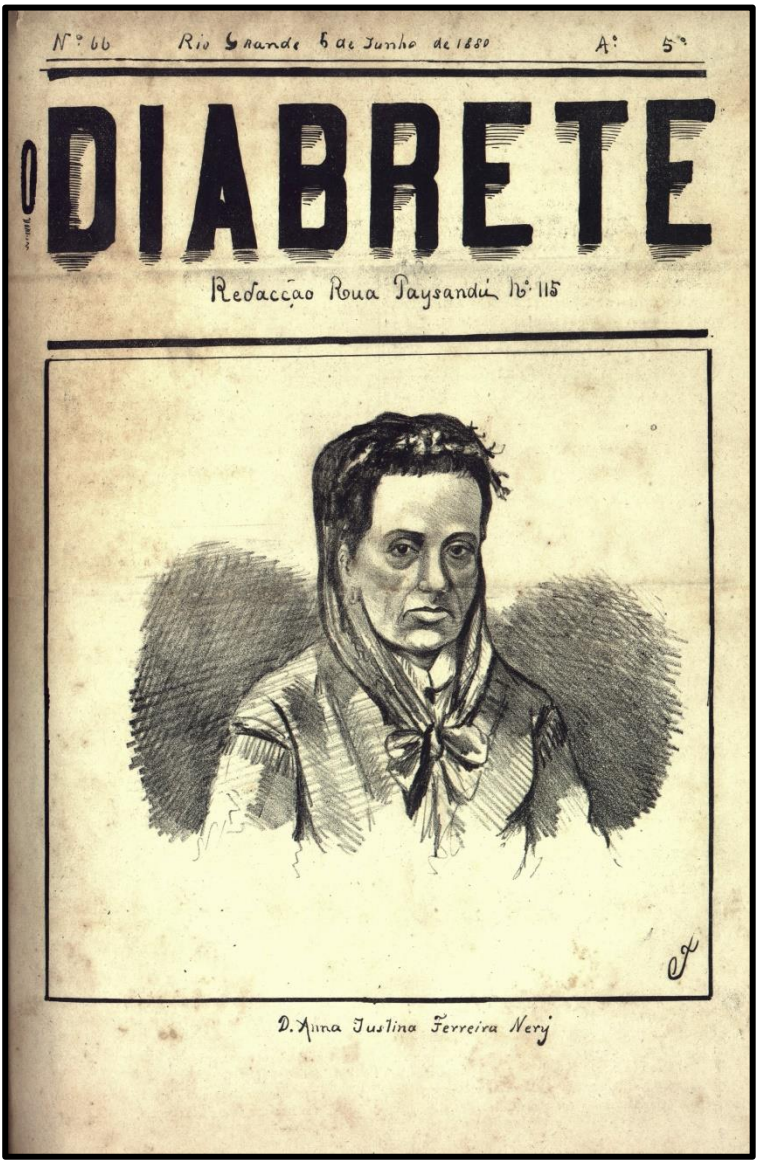
REVISTA ILLUSTRADA

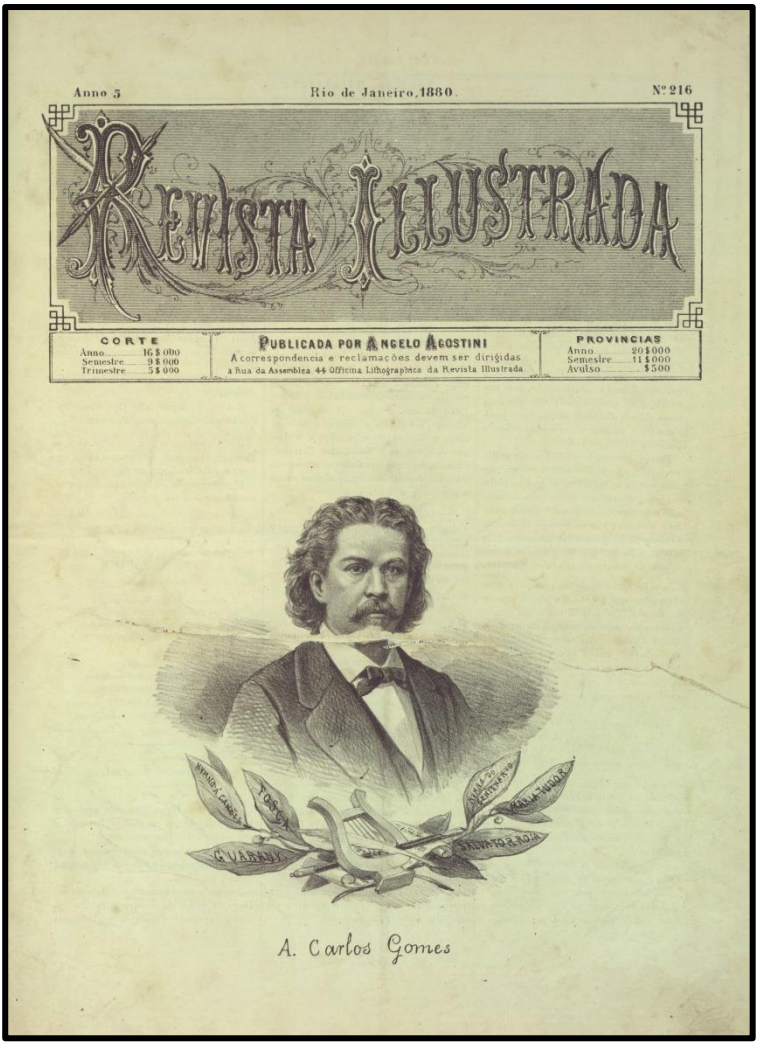
CORTE
Anno ..... 16$000
Semestre ..... 9$000
Trimestre ..... 5$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas a Rua da Assembleia 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada.

PROVINCIAS
Anno ..... 20$000
Semestre ..... 11$000
Avulso ..... $500

D. Anna Justina Ferreira Nery
(Vide texto.)


Nº 66 Rio Grande 6 de Junho de 1880 Aº 5º
O DIABRETE
Redacção Rua Paysandú Nº 115
D. Anna Justina Ferreira Nery



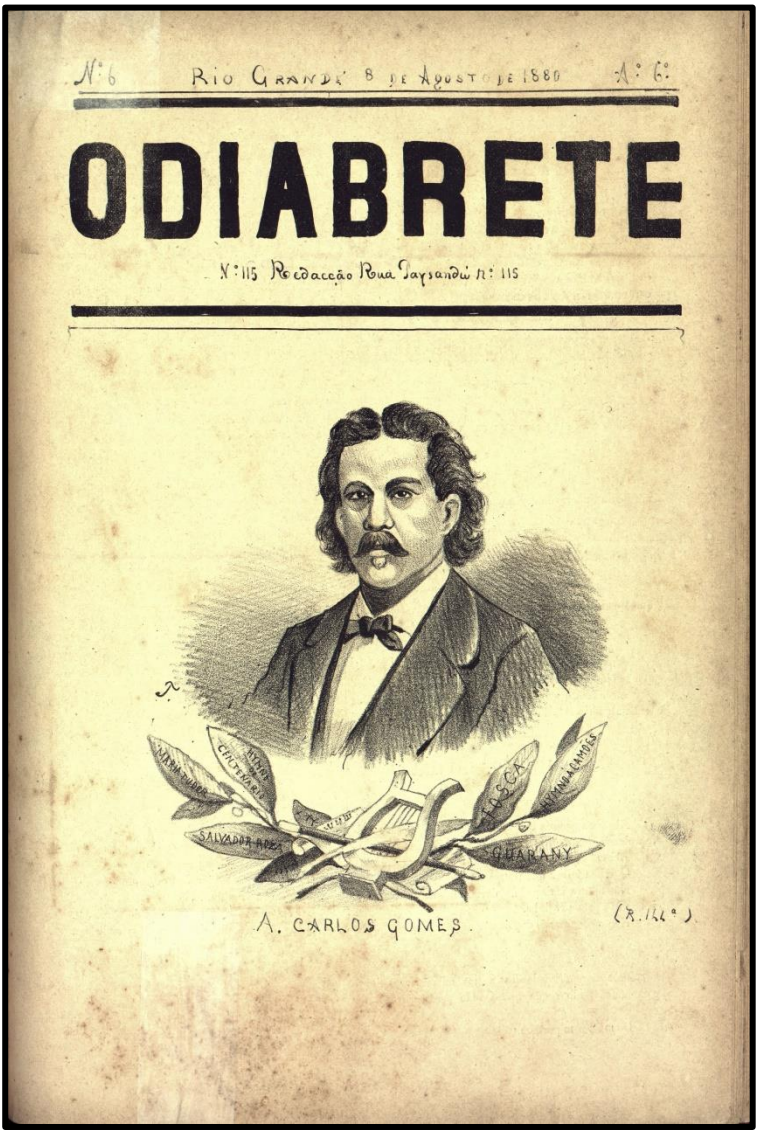
Anno 3 Rio de Janeiro, 1880. Nº 216

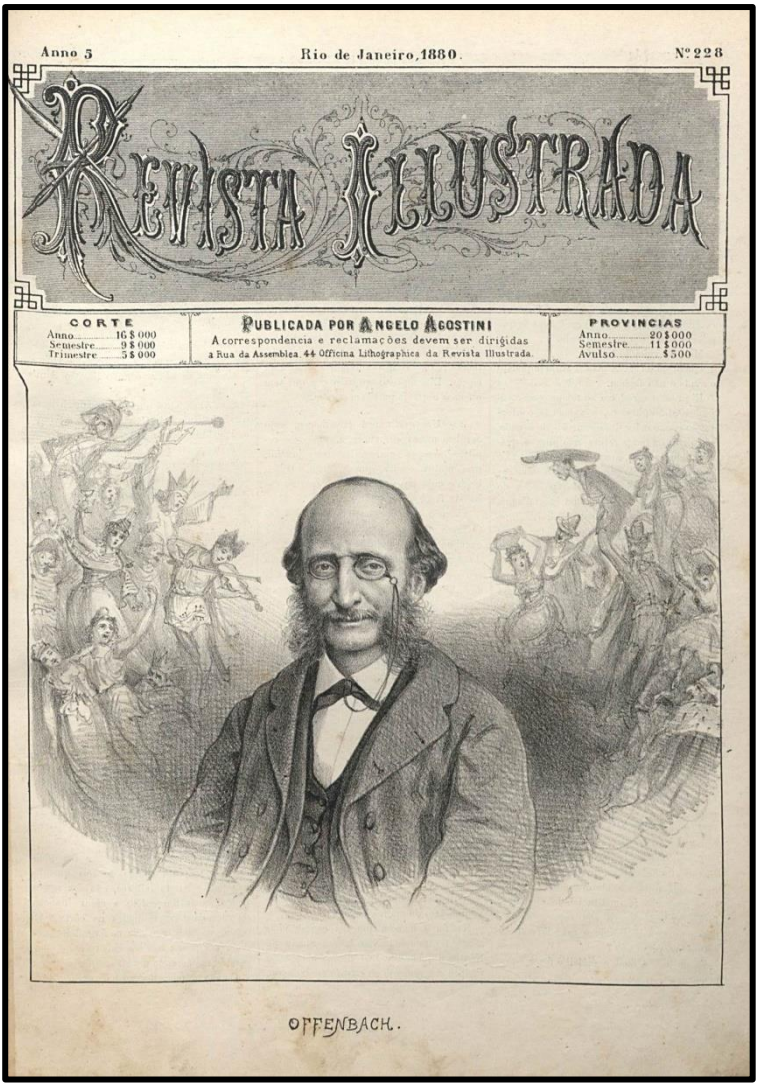
REVISTA ILLUSTRADA

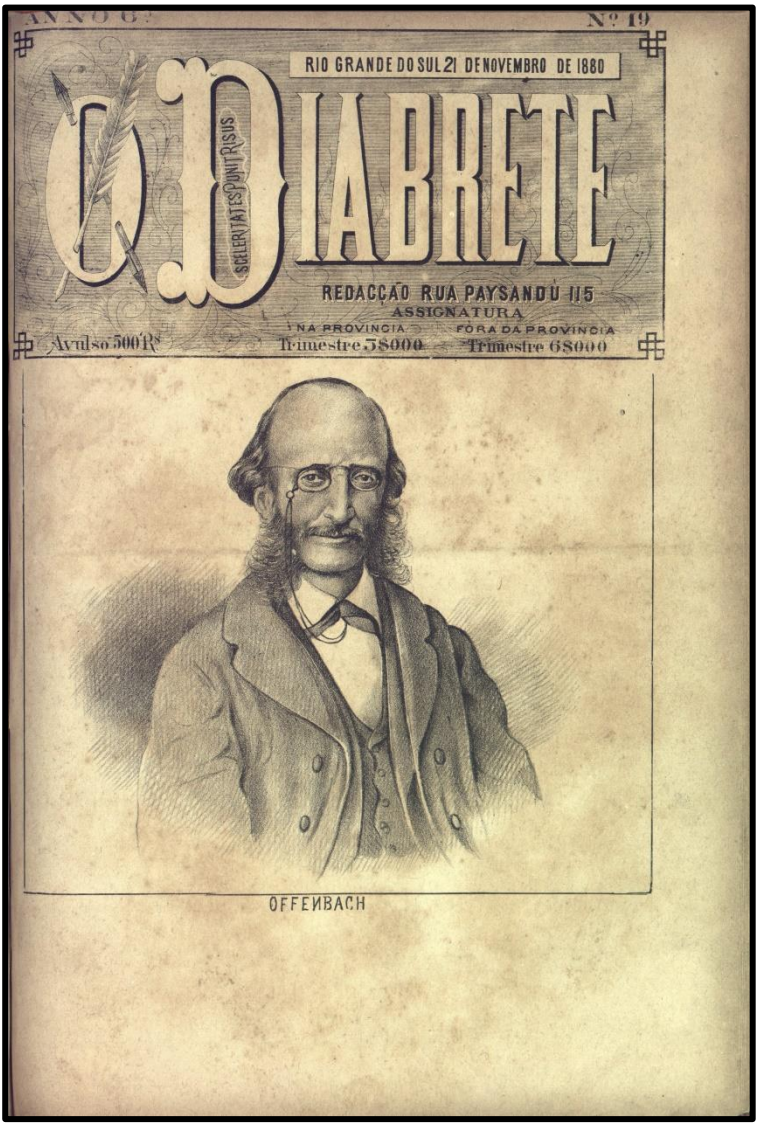
CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
a Rua da Assemblea 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500


N.º 6
Rio Grande 8 de Agosto de 1880
A.º 6.º
ODIABRETE
N.º 115 Redacção Rua Sarsandú N.º 115
SALVADOR ROZ
GUARANY
A. CARLOS GOMES


Anno 5
Rio de Janeiro, 1880.
Nº 228
REVISTA ILLUSTRADA
CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000
PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
á Rua da Assembléa, 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada.
PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500
OFFENBACH.



ANNO 6º Nº 19

RIO GRANDE DO SUL 21 DE NOVEMBRO DE 1880

O DIABRETE

SCELERITATES PUNIT RISUS

REDACÇÃO RUA PAYSANDU 115

ASSIGNATURA

Avulso 500 Rs

NA PROVINCIA Trimestre 5$000

FÓRA DA PROVINCIA Trimestre 6$000

OFFENBACH

Quanto à crítica de natureza política, uma das especialidades da imprensa ilustrado-humorística da época, os dois periódicos elaboraram várias incursões ao longo de 1880. Em uma delas, tratando das mudanças ministeriais, aparecia duas figuras indígenas, tradicional representação do povo brasileiro, mormente no período imperial, um deles gordo, em sinal de prosperidade, e outro esquálido, como sinônimo de penúria, sendo o centro do enfoque os seus cocares, um vistoso, no caso do primeiro e outro depenado, no segundo. A falta de expectativas era representada pelo tradicional axioma, de acordo com o qual a montanha viera a parir um rato. Outra representação bastante comum na arte caricatural, a nau do Estado, com o significado do aparelho político-administrativo, também aparecia, expressando a vontade dos detentores do poder em garantir o sucesso, diante do que as folhas demonstravam uma avaliação irônica e pouco otimista (REVISTA ILUSTRADA, 3 abr. 1880; O DIABRETE, 25 abr. 1880). A vida política também foi referenciada em conjunto caricatural da *Revista Ilustrada*, reproduzido apenas parcialmente por *O Diabrete*, apresentando algumas cenas do cotidiano político de então, envolvendo a viagem do imperador ao sul do país e a cobertura do jornalismo, considerada como monótona, a malversação das verbas públicas e os debates no parlamento, com especial atenção para com a conduta do político gaúcho Silveira Martins (REVISTA ILUSTRADA, 29 maio 1880; O DIABRETE, 18 jun. 1880).

O Pamuito
mal! e depennado!
Espera com o novo gabinete ficar
melhor; ter talvez um espanador novo.

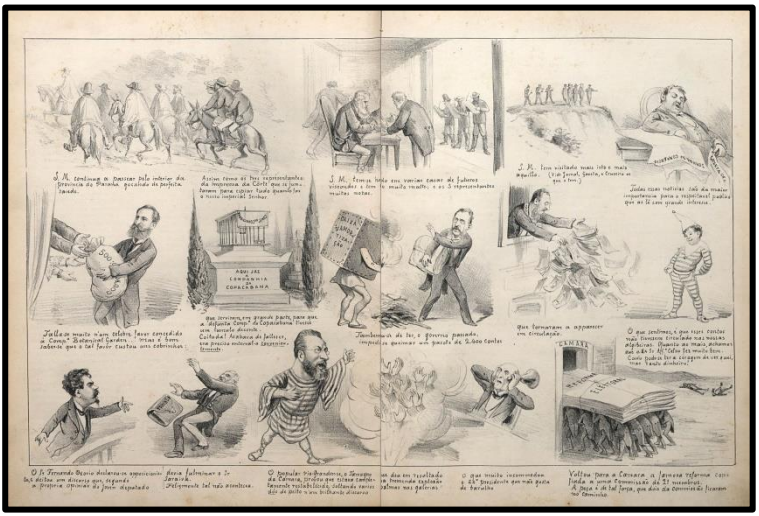
O Taiz espera com o novo gabinete
ficar melhor; ter talvez um es-
panador novo
Coitado, está muito mal!
e quazi depennado!

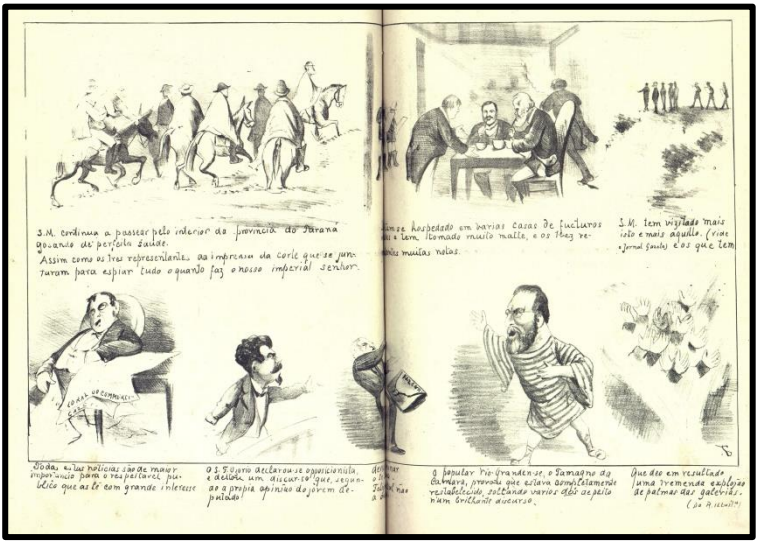
E mais infeliz que a montanha
não chegou sequer a deitar o seu
ratinho!

E mais infeliz que a montanha não segou
sequer a deitar o seu ratinho!

Os amigos do Sr Saraiva dizem que
S Exª é capaz até de levar a náu do
Estado para o 7.º céo! (Deus queira!)

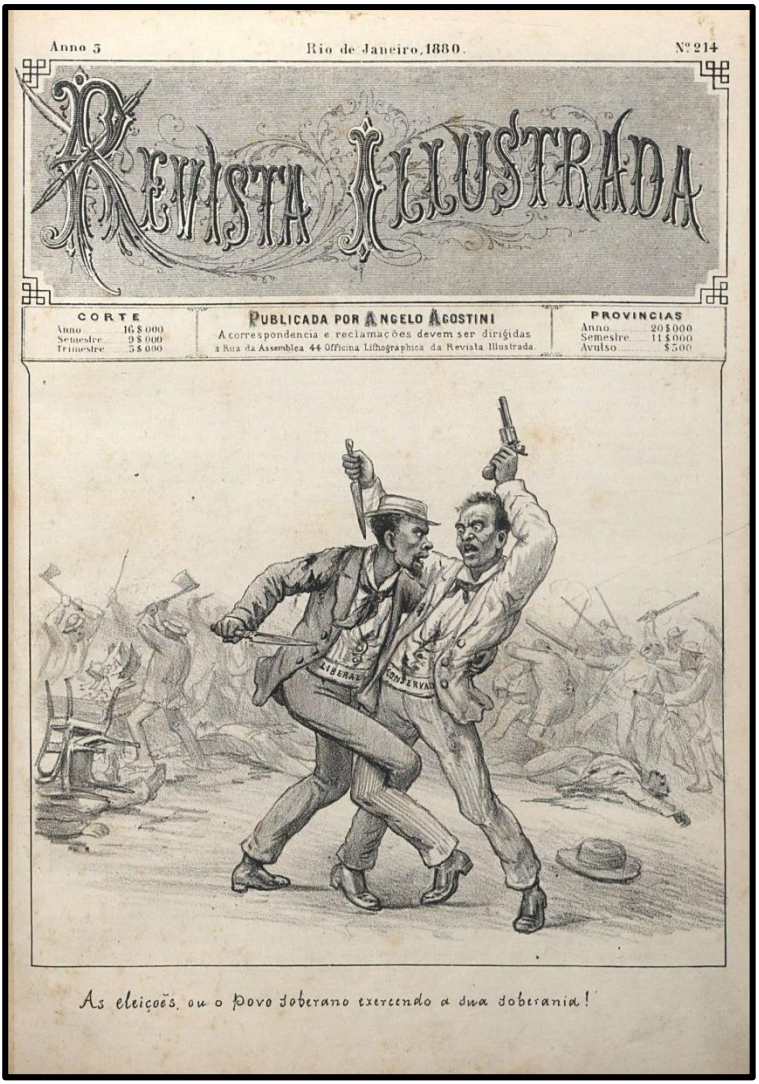
T
Os amigos do Sr Saraiva dizem que S Exª é
capaz até de levar a náu do Estado pª o 7º
céo! (Deus queira!)
(R. Illustª)


S. M. continua a passear pelo interior da provincia do Paraná, gozando de perfeita saude.
Assim como os tres representantes da imprensa da Corte que se juntaram para espiar tudo quanto faz o nosso imperial Senhor.
S. M. tem visitado mais isto e mais aquillo. (vide Jornal Gazeta, e Onzeiro ou que o seja.)
Todas essas noticias são de maior importancia para o respeitavel publico que as le com grande interesse.
Falta-se muito n'um estado, fazer concessões a Comp.ª Brasileira Carders... mas a Com. não está que a lei facultou uma estrinchar.
Acha-se a Comp.ª da Companhia Fiação e Tecidos do Rio de Janeiro.
Que provinca, em grande parte, para que a Companhia Comp.ª da Companhia Fiação e Tecidos do Rio de Janeiro.
Contra-dos Ministros da Fazenda, e Imperio, e Governo da Camara, Senado que tiveram conferencia, Fernando Pinheiro Lisboa, Saldanha Marinho, Zacharias, e Nabuco.
Tambem ouvir-se-ha, e governo pensando, em proximo expulsar um grande de S. Gabo Capelas.
Que formaram a apparecer em circulação.
O que sentimos, e que vejo contar não Senators Estrelado nas missões Algebricas. Depois do mais, antemas ou não Sr. M. Tales Les mais Bom Cuer, Tanto dinheiro gastou de um ano, mas Tanto dinheiro.
O Sr. Fernando Pinheiro declarou-se opposicionista, e deixou um discurso que, segundo a propria opinião do seu deputado, foi brilhante.
Que deu em resultado a tremenda explosão de palmas nas galerias.
O que muito incommodou o Sr. Presidente que mais gosta de Barulho.
Voltou para a Camara a famosa reforma capitada n'uma Commissão do 31 novembro. A que a de tal Serpa, que dos da Commissão de Fazenda na Commissão.


S.M. continua a passear pelo interior da provincia do Paraná gozando de perfeita saude.
Assim como os tres representantes da imprensa da Corte que se juntaram para espiar tudo o quanto faz o nosso imperial Senhor.
Todas as noticias são de maior importancia para o respeitavel publico que as le com grande interesse
O S. Souto declarou-se opposicionista, e deixou um discurso que, segundo a propria opinião de seu deputado
O popular Rio-Grandense, e Samagno da Camara, provou que estava admiravelmente restabelecido, soltando varios ôbôs de pelo num brilhante discurso.
Que deu em resultado uma tremenda explosão de palmas das galerias.
(ja a ouvi!)
S.M. tem visitado mais isto e mais aquillo. (vide Jornal Gazeta) e os que e tem

O processo eleitoral brasileiro era observado com sarcasmo e olhar censório, comparando as eleições à uma confusão generalizada, em um ambiente de fundo composto de brigas e quebradeiras, ao passo que, em primeiro plano, "o povo soberano exercendo a sua soberania" era comparado ao enfrentamento de dois negros capoeiras armados (REVISTA ILUSTRADA, 3 jul. 1880; O DIABRETE, 25 jul. 1880). O embate contra a religião oficial do Estado também se manifestava, com a presença do bobo da corte conclamando o político e jornalista Saldanha Marinho para uma mobilização em torno do deslocamento de uma leva de clérigos, comparados a aves de rapina, para se instalar no Brasil (REVISTA ILUSTRADA, 10 jul. 1880; O DIABRETE, 1º ago. 1880). Em figura de capa, o político sul-rio-grandense Gaspar Silveira Martins era mais uma vez a personalidade em destaque, sentado em sua cadeira, isolado e observado com desconfiança pelos demais parlamentares (REVISTA ILUSTRADA, 21 ago. 1880; O DIABRETE, 12 set. 1880). As intermináveis delongas no parlamento acerca de temas relevantes também foram tema de crítica, como a demora no encaminhamento da emancipação dos escravos, em um quaro pelo qual a escravidão era considerada como uma bomba prestes a explodir e um verdadeiro câncer que levaria à morte do país, que estaria a cavar a sua própria sepultura, além de colocá-lo em posição inferior em relação a outras nações. Ao contrário de *O Diabrete*, a *Revista Ilustrada* prosseguia a discussão, apontando como absurda a colocação de seres humanos à venda, quando os parlamentares debatiam "liberdade" e "civilização". Finalmente, a reforma eleitoral era descrita como um "cavalo de batalha" – comparado a um cavalo de Tróia –, que

gastava muito tempo em tramitação e despertava fortíssimo entusiasmo discursivo, mas cuja tendência seria a de trazer resultados pouco perceptíveis (REVISTA ILUSTRADA, 28 ago. 1880; O DIABRETE, 18 set. 1880). Também a respeito da reforma eleitoral, os semanários transformaram o encaminhamento final da mesma em uma cena jocosa na qual essa modificação institucional era comparada a um recém-nascido, "parido" pelo Senado e entregue ao índio que designava a nação brasileira. Como tal ilustração foi publicada no último dia de 1880 pela *Revista*, a reprodução por parte de *O Diabrete* viria a dar-se somente no início do ano seguinte (REVISTA ILUSTRADA, 31 dez. 1880; O DIABRETE, 18 jan. 1881). Mas não era apenas o contexto nacional que chamava a atenção das revistas, havendo também referências à política exterior, em mais uma série caricatural da *Revista Ilustrada* reproduzida parcialmente por *O Diabrete*. No desenho havia uma manifestação marcada pelo republicanismo, ao apontar que o crescimento da República Francesa estava fazendo sombra aos regimes monárquicos europeus. A perspectiva crítica se direcionava para Bismark, que estaria depauperando a Alemanha para fortalecer suas tropas. Outras notícias versavam sobre atentados contra soberanos europeus, mais especificamente na Itália e na Rússia, havendo ainda a sugestão de que tal prática poderia se estender em direção ao Brasil (REVISTA ILUSTRADA, 21 fev. 1880; O DIABRETE, 14 mar. 1880).



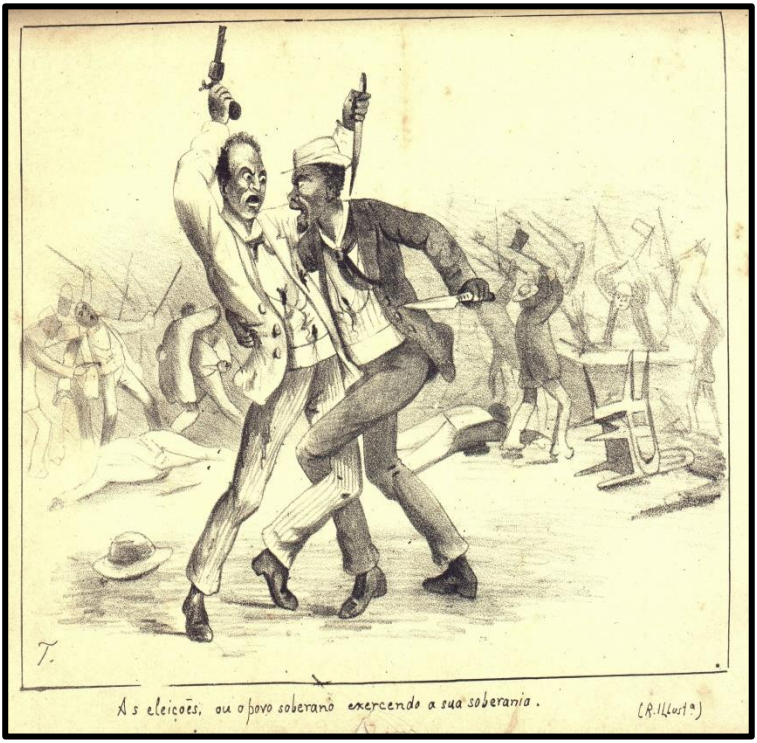
Anno 5 — Rio de Janeiro, 1880. — Nº 214

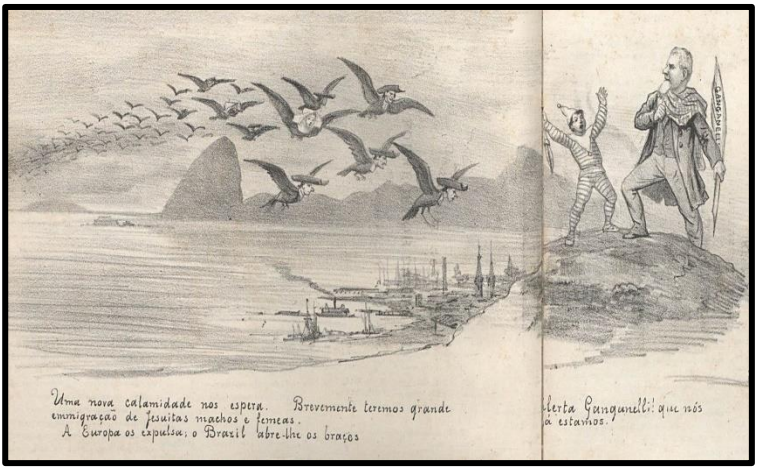
# Revista Illustrada

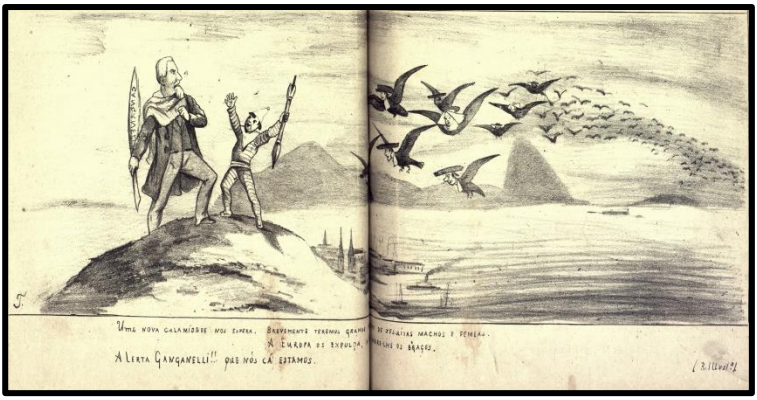
| CORTE | | PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI | PROVINCIAS | |
|---|---|---|---|---|
| Anno | 16$000 | A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas | Anno | 20$000 |
| Semestre | 9$000 | á Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada. | Semestre | 11$000 |
| Trimestre | 5$000 | | Avulso | $500 |



As eleições, ou o povo soberano exercendo a sua soberania!


7.
As eleições, ou o povo soberano exercendo a sua soberania.
(A. Illust.a)


Uma nova calamidade nos espera. Brevemente teremos grande
emmigração de jesuitas machos e femeas.
A Europa os expulsa; o Brazil abre-lhe os braços
Alerta Gangamelli! que nós
á estamos!


Uma nova calamidade nos espera. Brevemente teremos grande
emmigração de jesuitas machos e femeas.
A Europa os expulsa;
os braços.
A Alerta Gangamelli!! que nós cá estamos.

Anno 5 Rio de Janeiro, 1880. Nº 220

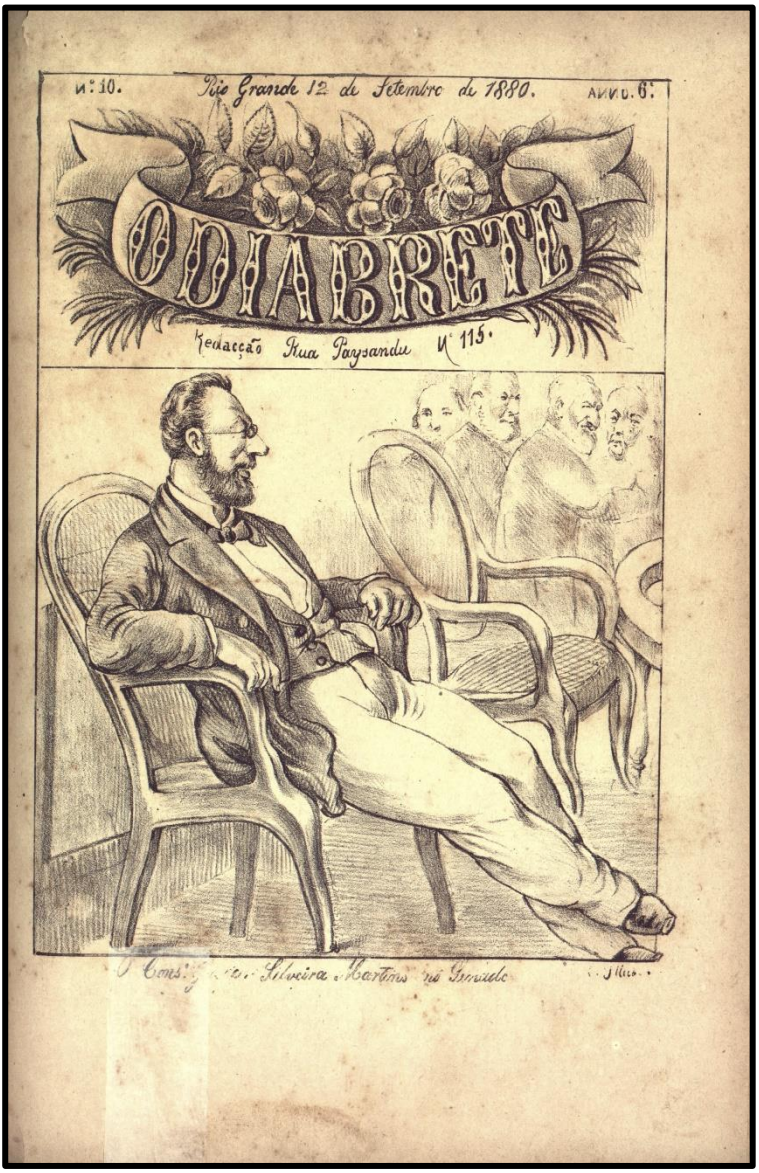
REVISTA ILLUSTRADA

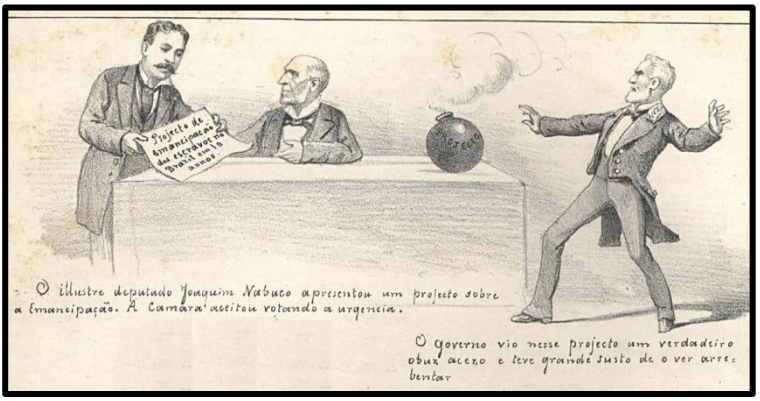
CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

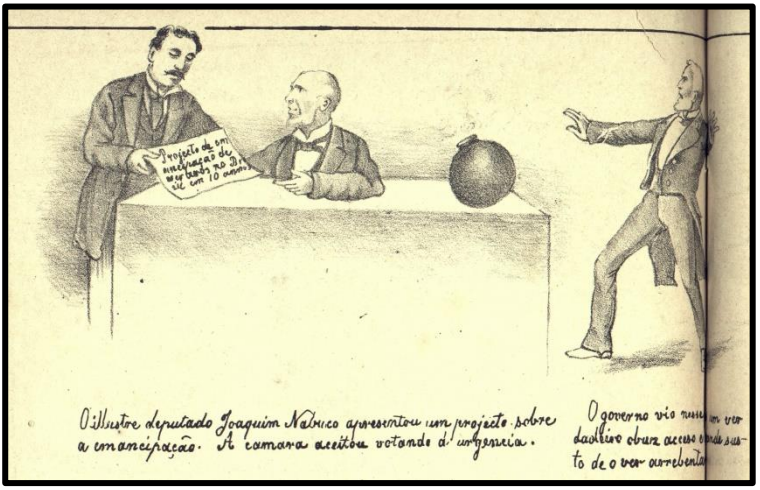
PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas a Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500

O Cons.º Gaspar Silveira Martins no Senado.


N: 10.
Rio Grande 12 de Setembro de 1880.
ANNO. 6.
O DIABRETE
Redacção Rua Paysandu N 115.


Projecto de emancipação dos escravos no prazo de 10 anos
Torpedo
O illustre deputado Joaquim Nabuco apresentou um projecto sobre a emancipação. A Camara aceitou votando a urgencia.
O governo vio nesse projecto um verdadeiro obuz acceso e teve grande susto de o ver arrebentar

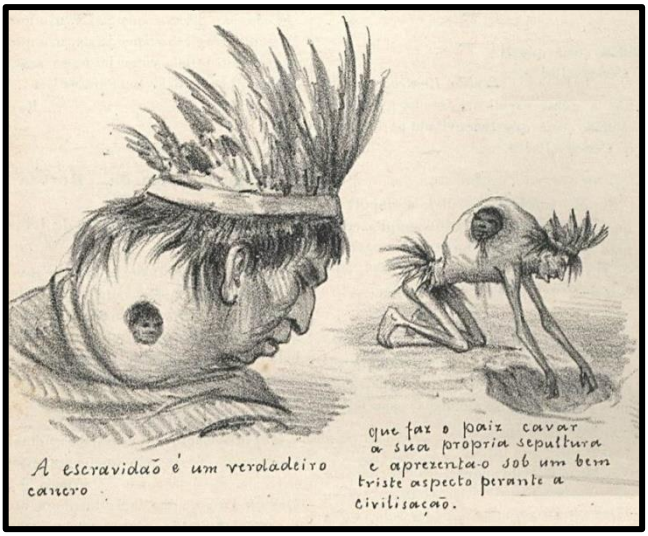

Projecto de emancipação dos escravos no prazo de 10 anos
O illustre deputado Joaquim Nabuco apresentou um projecto sobre a emancipação. A camara aceitou votando a urgencia.

queixou-se amargamente ao general de ter feito
r urgencia n'um assumpto tão perigoso.
Martinho desculpou-se declarando-se sulphuretado e
ligado desde os pés até a cabeça com a victoria alcan=
sobre os
retistas

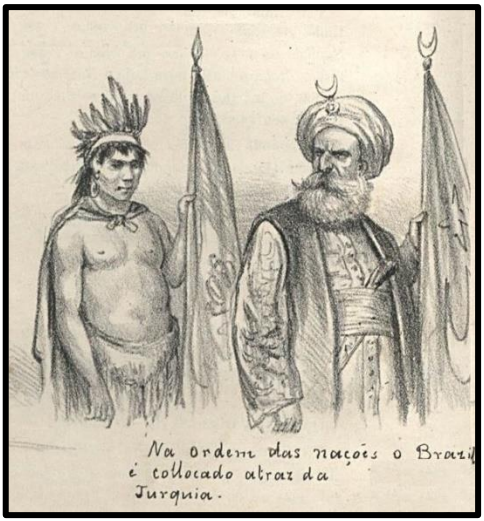
queixou-se amargamente ao general de ter feito voltar urgencia n'um assum=
pto tão perigoso. O Snõ Martinho desculpou-se desculpando-se sulphuretado e
enformigado desde os pés até á cabeça com a victoria allançada sobre os sulphuretis

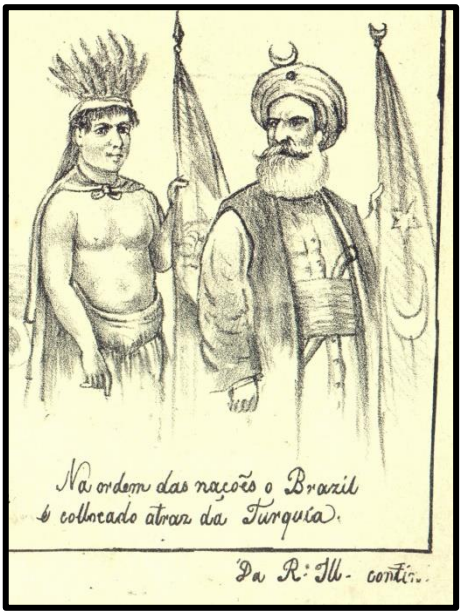
ESCRAVIDÃO
Mas muito peior obuz é o da escravidão, sobre o qual está assentado confiante o paiz.
E o que é infallivel é que elle ha de arrebentar um dia!

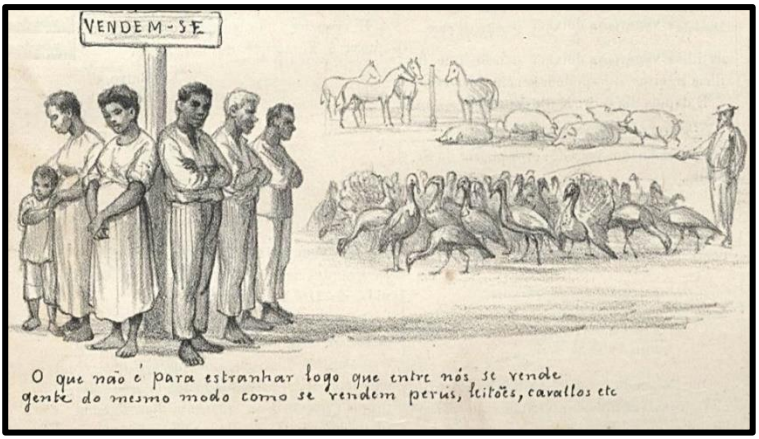
ESCRAVIDÃO
mas muito peior obuz é o da escravidão sobre o qual está assentado confiante o paiz.
E o que é infallivel é que elle ha de arrebentar um dia.


A escravidão é um verdadeiro cancro
que faz o paiz cavar a sua propria sepultura e aprezenta-o sob um bem triste aspecto perante a civilisação.

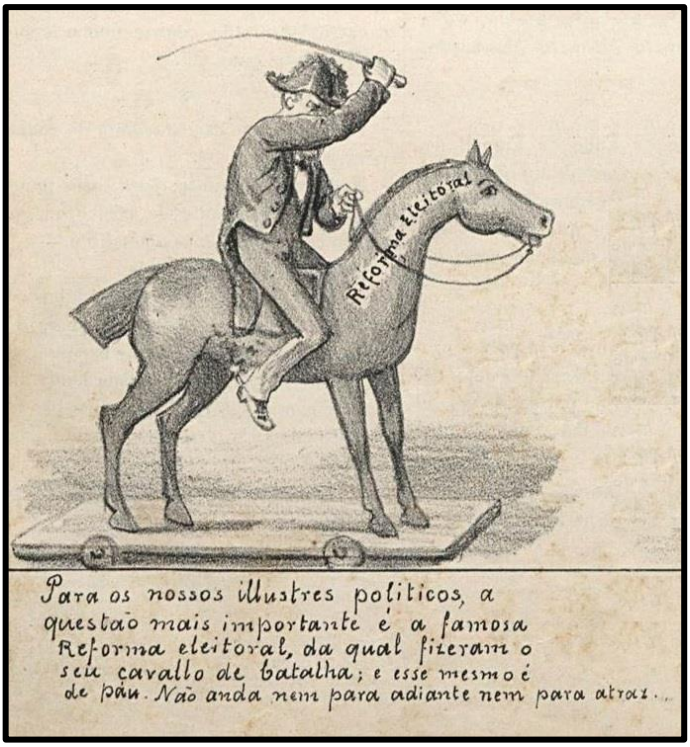
que faz o paiz cavar a sua propria sepultura e apresenta-o sobre um bem triste aspecto peran te a civilisação.


Na ordem das nações o Brazil
é collocado atraz da
Turquia.


Na ordem das nações o Brazil
é collocado atraz da Turquia.
Da R: Ill- conti:


VENDEM-SE
O que não é para estranhar logo que entre nós se vende gente do mesmo modo como se vendem perus, leitões, cavallos etc

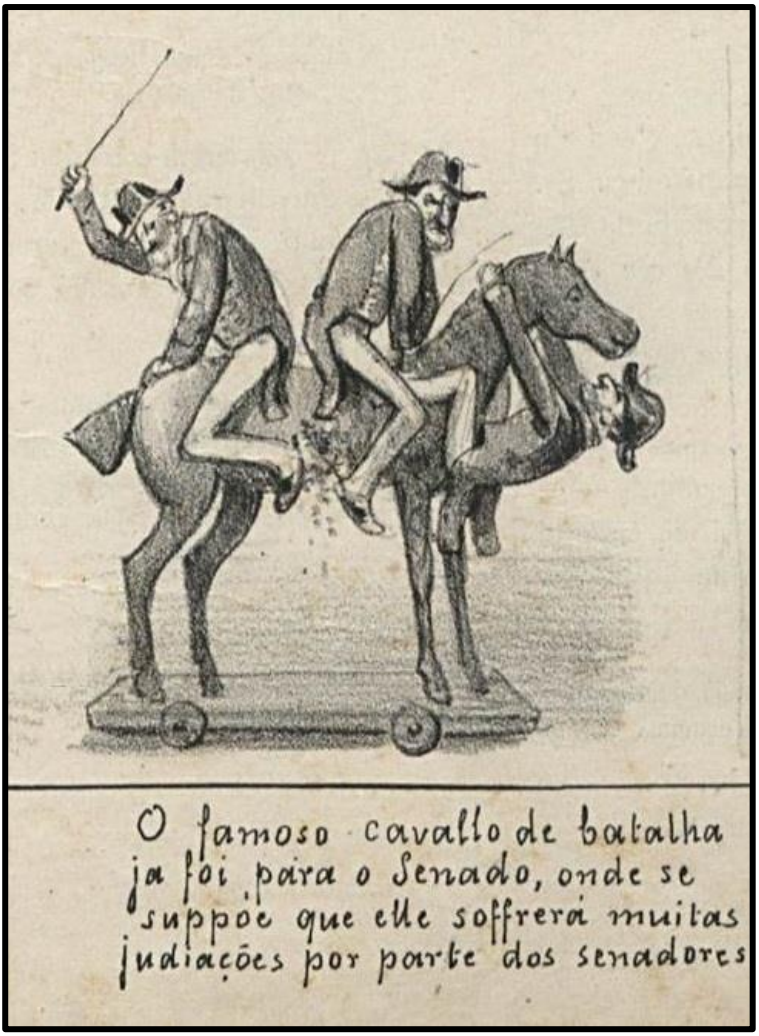
E temos um parlamento, onde deputados e senadores fazem brilhantes discursos sobre civilisação e liberdade!
Isso na verdade fax rir.

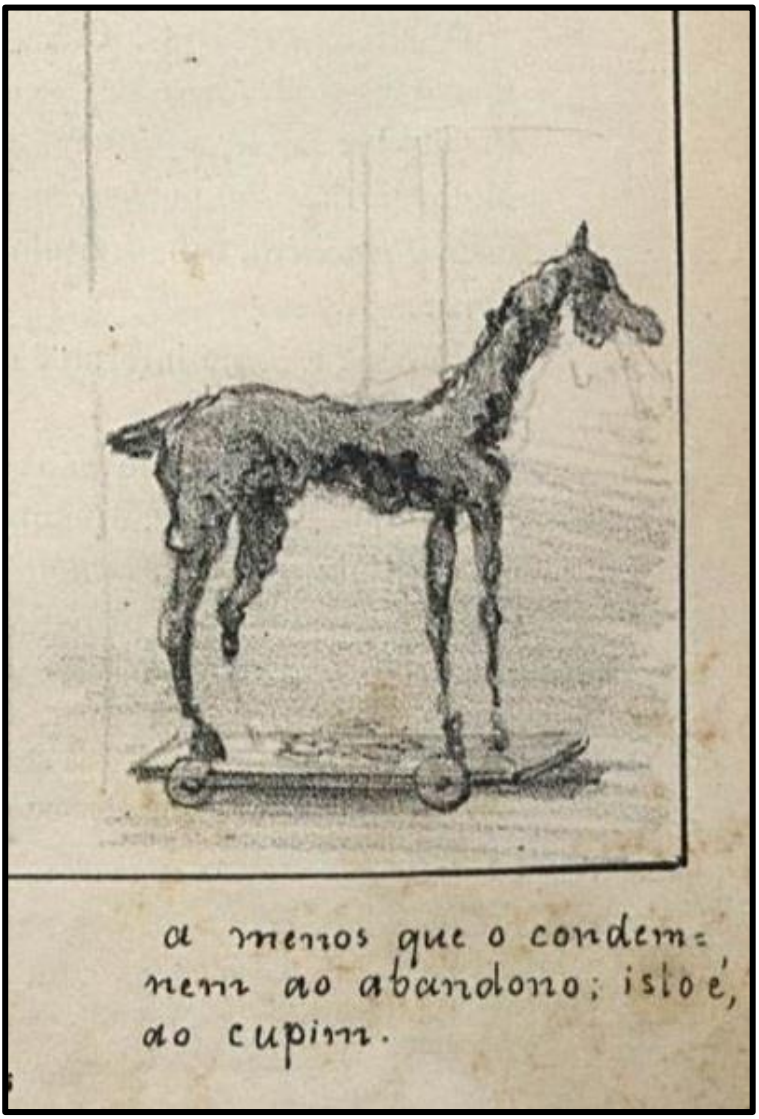


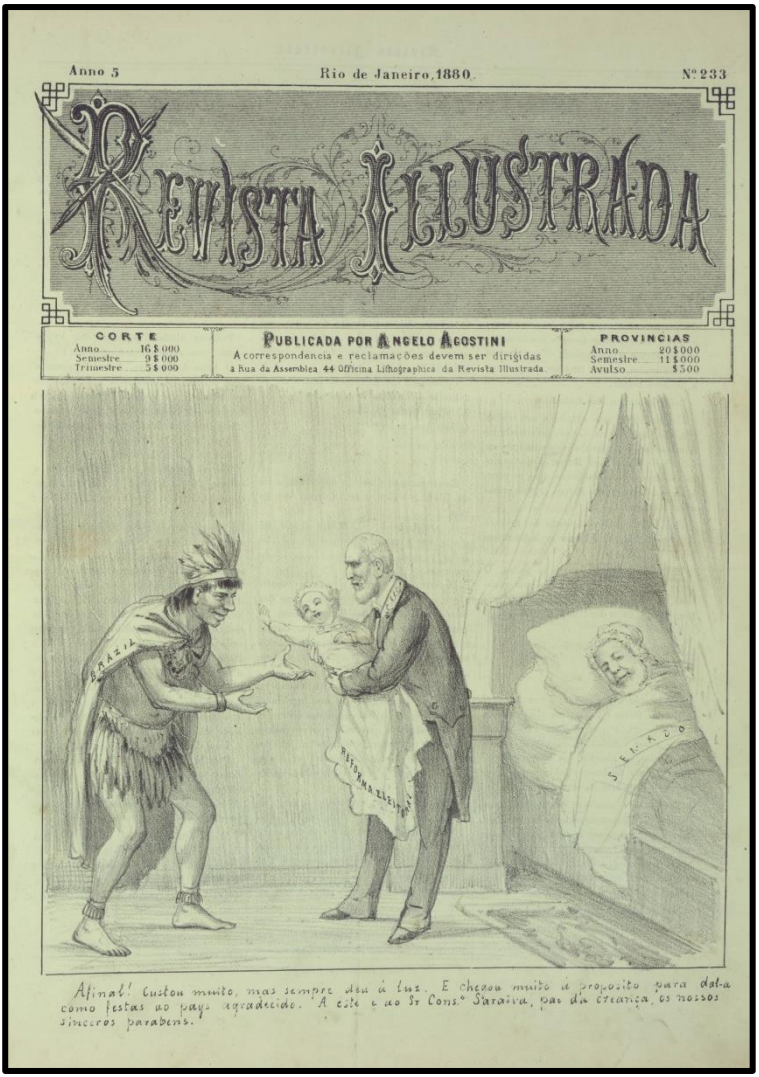

Para os nossos illustres politicos, a questão mais importante é a famosa Reforma eleitoral, da qual fizeram o seu cavallo de batalha; e esse mesmo é de pau. Não anda nem para adiante nem para atraz.

É um cavallo em que todos pulam com verdeiro enthusiasmo. Tôdas essas cambalhotas politicas servem para divertir o nosso Imperial Senhor e os seus leaes e heroicos subditos.

Sobretudo quando acontece cahir de ventas no chão, como cahio o ministerio Sinimbú.


O famoso cavallo de batalha
ja foi para o Senado, onde se
suppõe que elle soffrerá muitas
judiações por parte dos senadores


a menos que o condem=
nem ao abandono; isto é,
ao cupim.



Anno 5 — Rio de Janeiro, 1880 — Nº 233

# Revista Illustrada

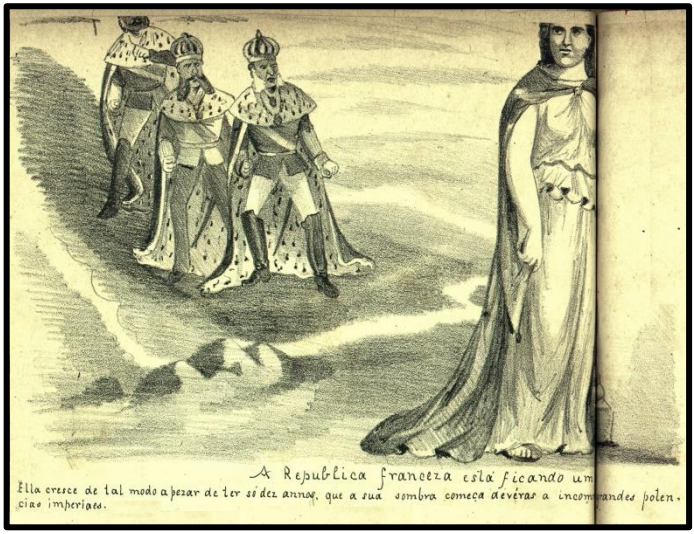
| CORTE | PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI | PROVINCIAS |
|---|---|---|
| Anno ..... 16$000 | A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas | Anno ..... 20$000 |
| Semestre ..... 9$000 | á Rua da Assembléa 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada. | Semestre ..... 11$000 |
| Trimestre ..... 5$000 | | Avulso ..... $500 |

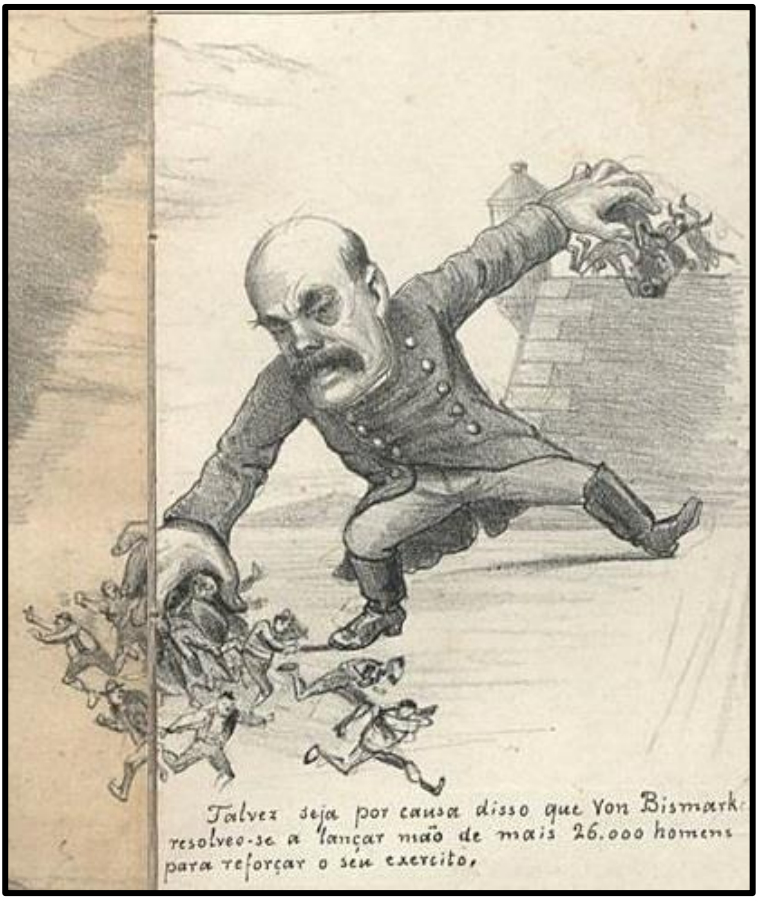


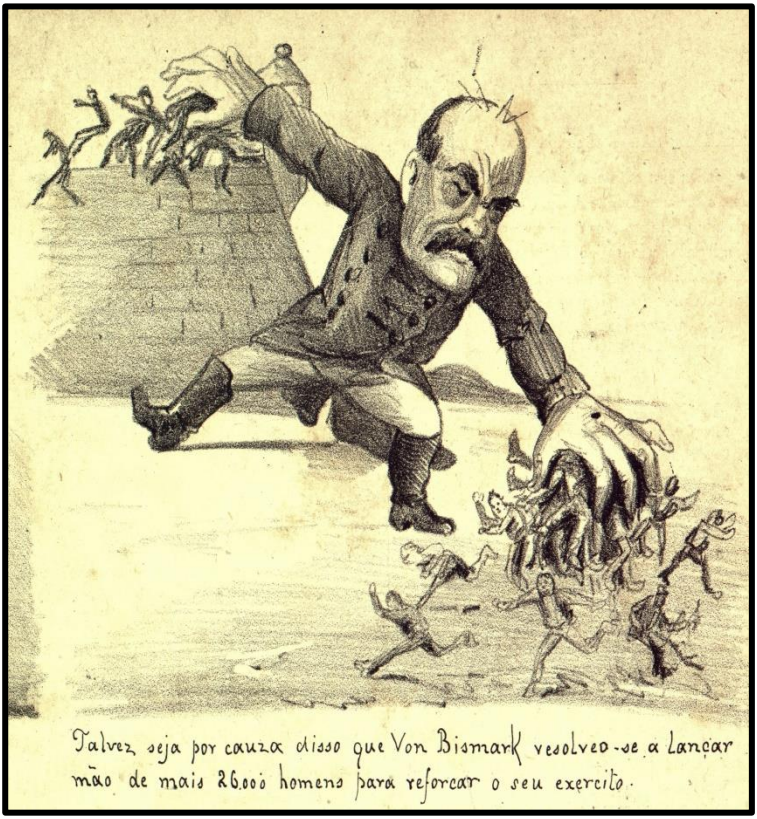
Afinal! custou muito, mas sempre deu á luz. E chegou muito á proposito para dal-a como festas ao paiz agradecido. A este e ao Sr Cons.º Saraiva, pai da creança, os nossos sinceros parabens.

N'final custou muito mas sempre deu a luz. E chegou muito a proposito para dal-a como festas ao pai agradecido. Ao filho e ao
Snr conselheiro Tamaiva pelo da encarnação os nossos sinceros parabens.
De R. M.

LIBERT
EGALITE
FRATERN
A Republica Franceza está ficando um colosso.
Ella cresceu de tal modo a pezar de ter só 10 annos, que a sua sombra começa devéras a incommodar as grandes potencias imperiaes.

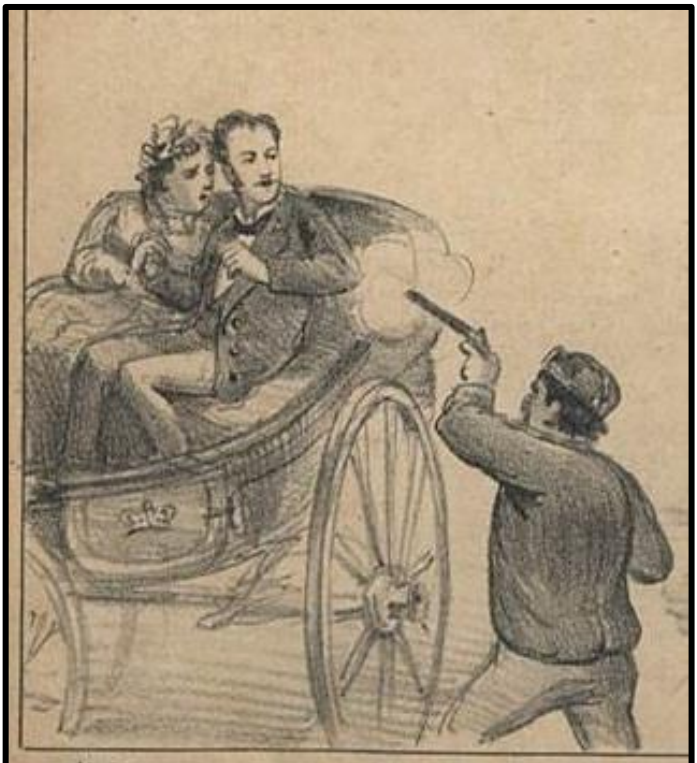

A Republica franceza está ficando um
Ella cresce de tal modo a pezar de ter só dez annos, que a sua sombra começa devéras a incom andes poten-
cias imperiaes.


Talvez seja por causa disso que Von Bismark
resolveo-se a lançar mão de mais 26.000 homens
para reforçar o seu exercito,

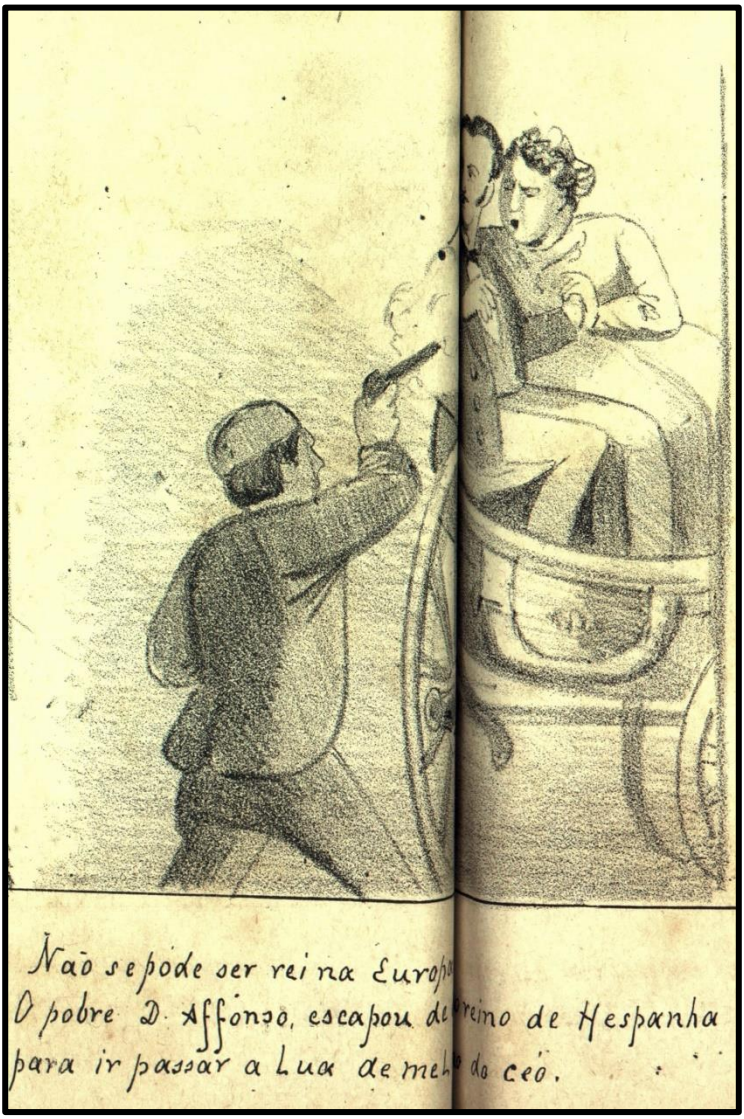

Talvez seja por cauza disso que Von Bismark resolveo-se a Lançar
mão de mais 26.000 homens para reforçar o seu exercito.

ALLEMANHA
o que equivale a 26.000 sanguesugas mais
para chupar o sangue á pobre Allemanha!

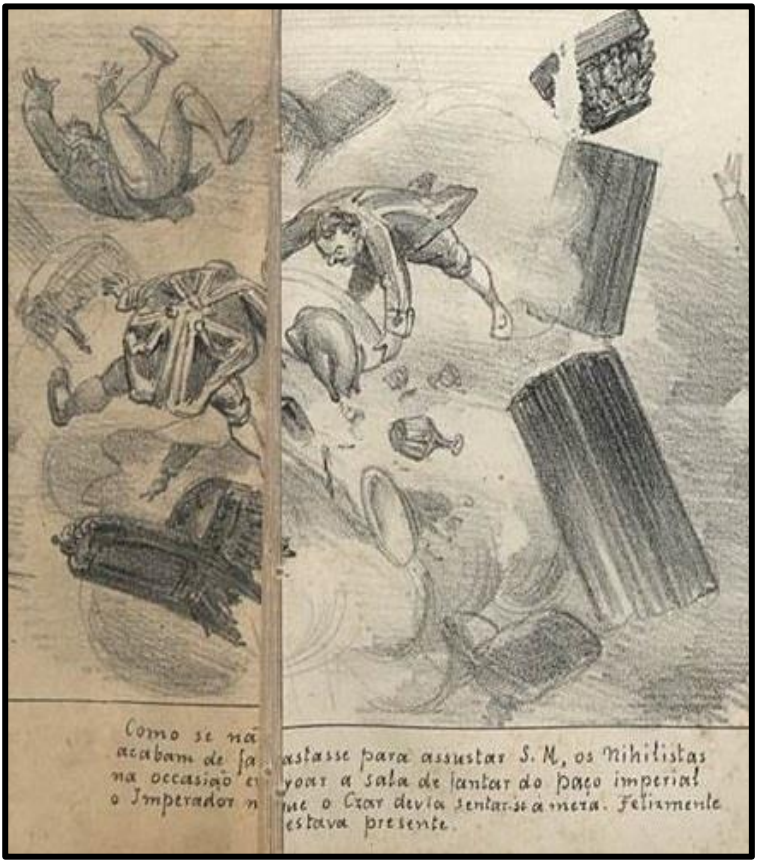
ALLEMANHA
o que equivale a 26.000 sanguesugas mais para chupar o sangue á pobre Allemanha!

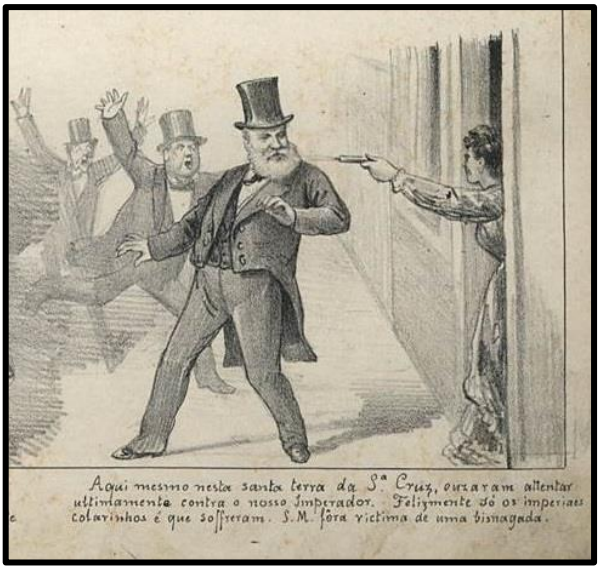


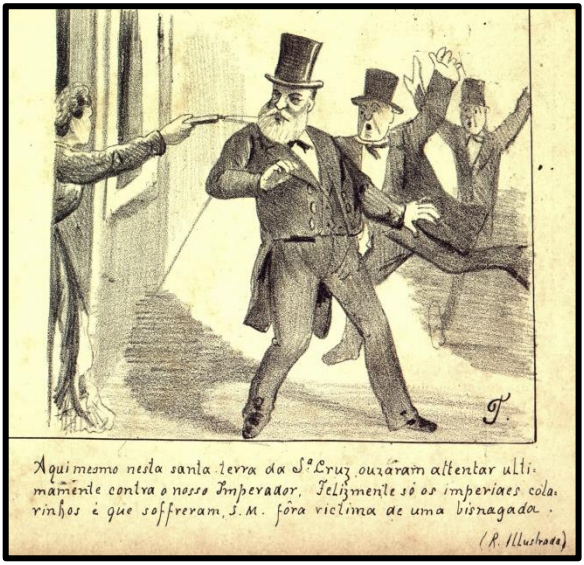
Não se póde ser rei na Europa.
O pobre D. Affonso, escapou de deixar o reino de Hespanha para ir passar a lua de mel no reino do Céo.


Não se pode ser rei na Europa
O pobre D. Affonso, escapou do reino de Hespanha
para ir passar a Lua de mel do ceo.

Ha pouco tempo, um trem onde se
suppunha vir o Imperador da Russia
voou pelos ares.


Como se na
acabam de fa
na occasião e
o Imperador n
astasse para assustar S. M, os Nihilistas
yoar a sala de jantar do paço imperial
ue o Czar devia sentar-se a meia. Felizmente
estava presente.


Aqui mesmo nesta santa terra da Sª Cruz, ouzaram attentar
ultimamente contra o nosso Imperador. Felizmente só os imperiaes
colarinhos é que soffreram. S.M. fôra victima de uma bisnagada.


Aqui mesmo nesta santa terra da Sª Cruz ouzaram attentar ulti-
mamente contra o nosso Imperador. Felizmente só os imperiaes cola-
rinhos é que soffreram. S.M. fôra victima de uma bisnagada.
(R. Illustrada)

Assim, as reproduções que *O Diabrete* realizou em relação às construções iconográficas da *Revista Ilustrada*, bem representam a repercussão e a notoriedade desta em relação à projeção da arte caricatural no Brasil. Não se tratava apenas de copiar por falta de alternativas, pois havia abundante matéria textual e produção caricatural original nas páginas de *O Diabrete*. Aliás, a edificação imagética própria da folha rio-grandina era bem maior em comparação com o material reproduzido. Tais repetições traziam consigo um certo pragmatismo no que tange às dificuldades da execução da arte litográfica e mesmo ao aproveitamento das concepções e criações artísticas. Mas havia também a perspectiva de citar uma fonte de prestígio como era o caso da revista carioca. Foram então publicadas imagens espelhadas, no sentido literal ou figurado, ou seja, por razão da prática litográfica, reproduzindo o desenho invertido, mas também pela busca de refletir aquilo que era publicado nas páginas da publicação fluminense. As citações imagéticas do *Diabrete*, ocorridas com algumas semanas de defasagem temporal e trazendo o cuidado de citar a fonte, revelavam em síntese o impacto que a *Revista Ilustrada* exercia na conjuntura nacional, desempenhando um papel de verdadeiro modelo quanto à criação caricatural[22].

[22] ALVES, 2024. p. 54.

# *O Diabrete* e a crítica política do senso comum

Uma das mais importantes publicações humorístico-ilustradas rio-grandinas voltadas à expressão da arte caricatural, *O Diabrete* circulou na cidade portuária entre 1875 e 1881. Dentre suas várias abordagens, uma de suas especialidades foi a crítica de natureza política, assumindo, como era comum em seus congêneres, um papel de moralizador da sociedade, intentando diagnosticar e apontar soluções para as suas mazelas. No caso da política, tal caráter ganhava ainda mais evidência, apontando erros, negligências e malfeitos de toda a ordem cometidos pelos atores políticos. Dessa maneira, estaria praticando um jornalismo joco-sério, uma vez que o humor pode ser divertido e sério ao mesmo tempo, ao trazer em si uma qualidade vital da condição humana e ao refletir as percepções culturais mais profundas, oferecendo um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura de uma dada sociedade[23].

---

[23] DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

A partir de tal conduta joco-séria, o semanário apontava que o jornalismo tinha um importante papel na sociedade. Nessa linha, considerava que "a missão da imprensa é nobre e sagrada", no momento em que era "verdadeiramente compreendida e posta em prática com abnegação, imparcialidade e independência, predicados que deve tomar por divisa". Demarcava ainda que "a imprensa é o escudo do povo e a barreira que se antepõe entre este e os golpes e desmandos emanados da arbitrariedade do poder". Também defendia que "a missão da imprensa tem verdadeiros escolhos, pois deve estigmatizar ou dar louvores, conforme o ato que aprecie" fosse ele "meritório ou reprovado", mas jamais deveria "atenuar suas apreciações, atendendo a posição social daqueles que se ocupa". Ainda segundo a folha, "a pena do jornalista, como a espada da justiça, deve estar sempre prestes, para, sem distinção, castigar os culpados ou defender as vítimas destes" (O DIABRETE, 7 nov. 1875).

Levando em conta tal certeza quanto à relevância da imprensa, o periódico apresentava-se como portador de uma função dentro da comunidade, e confirmou tal perspectiva no artigo "Dissertações filosóficas - modéstia a parte", segundo o qual a sociedade estava "a necessitar de um reformador", com o que pensava "dar prova de sua abnegação, tomando sobre seus ombros esse encargo" (O DIABRETE, 5 out. 1879). Às vezes, o hebdomadário buscava "demonstrar" essa participação através de um exagero bem-humorado, como ao afirmar:

> Os que duvidam da influência política do *Diabrete* acabam agora de receber a prova mais categórica e eloquente que se pode exibir a espíritos

> incrédulos. No penúltimo número (...) escrevemos um artigo de fundo (e que fundo!) estranhando a demora do imperador em fazer a escolha dos senadores por esta Província, e eis que se passam alguns dias e é feita a escolha. Foi chegar *O Diabrete* ao Rio de Janeiro e S.M. a romper com as suas hesitações e escolher os dois representantes rio-grandenses na Câmara Vitalícia. E digam agora que *O Diabrete* não tem importância nem influência na alta política do país (O DIABRETE, 14 mar. 1880).

Em sua crítica política, *O Diabrete* praticava uma espécie de discurso do senso comum, que se orientava por criticar o conjunto das atitudes de políticos e governantes em geral, sem uma identificação partidária mais definida, constituindo uma crítica do senso comum, cuja finalidade era emitir opiniões, criticando, sugerindo, ironizando, corrigindo, remoçando e, em última instância, introduzindo "novos lugares comuns"[24]. Nesse caso, a abordagem dos comentários e das caricaturas de natureza política norteava-se pelas constantes críticas à política, aos elementos que a praticavam e/ou à atuação dos governantes, de forma indiscriminada e independentemente das filiações partidárias. Embora chegasse a entabular elogios a certas figuras vinculadas a um ou outro dos partidos imperiais, o semanário teve por comportamento predominante, a censura à vida política como um todo, sem uma maior identificação com qualquer daquelas agremiações, procurando a partir desse posicionamento mais um

---

[24] GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 177.

passo em direção de uma melhor aceitação e até de popularidade.

Tal discurso do senso comum é constituído por construções discursivas que não chegam a demarcar um discurso articulado, ou seja, uma totalidade discursiva, consistindo-se em fragmentos de discursos articulados ao longo da história de um povo ou destacados de discursos em uma dada conjuntura política e social. Nesse caso, duas características são marcantes, quer seja, não estão articulados a nenhum discurso que pretenda construir uma visão de mundo unificada e têm uma circulação generalizada no interior da sociedade. Desse modo, tal discurso tem uma enorme capacidade de dar sentido à vida cotidiana e uma enorme potencialidade de ser articulado a diferentes visões do mundo[25].

A partir de tal perspectiva, o semanário tinha uma postura bastante crítica quanto à situação política nacional e regional. Tal posição, em certos momentos, chegava a um extremo pessimismo, como ao declarar que "o estado do país não podia ser mais grave". Para o periódico, o Brasil ia "para um abismo do qual talvez não pudesse mais sair"; ou ainda, caminhava "a passos largos para a sua ruína e completa dissolução" (O DIABRETE, 23 maio 1880). Sobre a conjuntura política do país, o hebdomadário apresentou um grande número de caricaturas, criadas pelos seus próprios desenhistas ou, às vezes, reproduzindo periódicos ilustrados do centro do Brasil e da capital provincial.

---

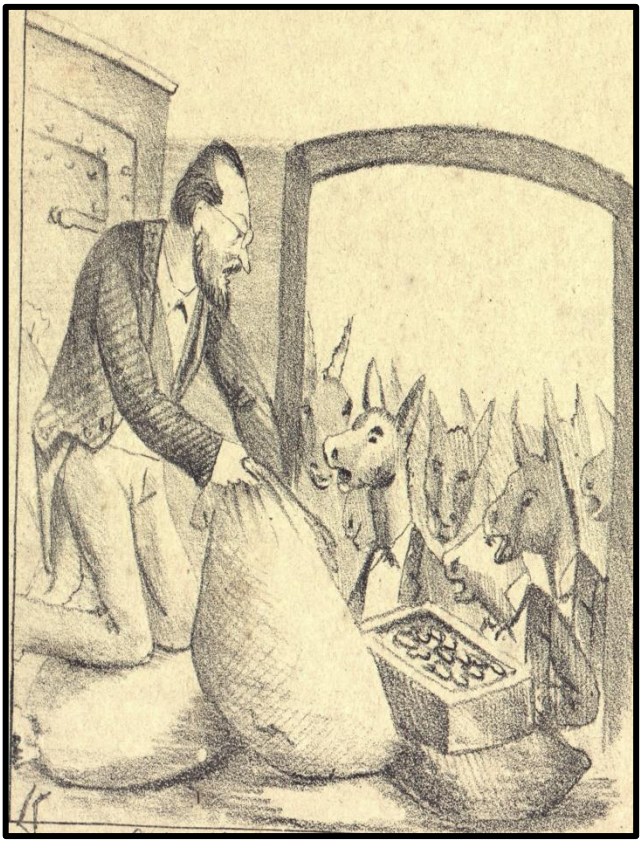
[25] PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 43-45.

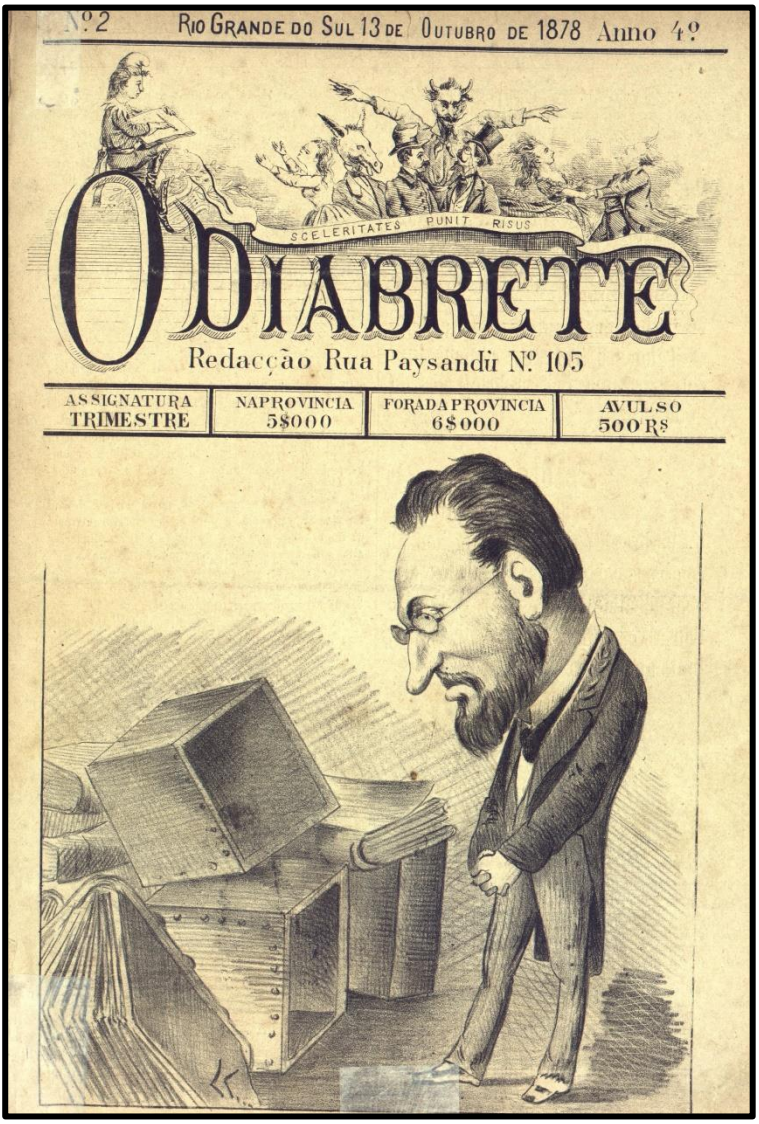
Um dos elementos mais abordados por *O Diabrete*, quando realizava crítica política, era aquele relacionado aos desmandos administrativos, denunciando a utilização de cargos públicos para a obtenção de ganhos pessoais. Foi o caso da caricatura em que abordou a avidez dos políticos para com as verbas públicas, desenhando um governante vendo-se obrigado a distribuir o "milho" aos famintos políticos, na forma de asnos, subscrevendo: "Pobre tesouro!"[26] (O DIABRETE, 15 set. 1878). Essa mesma autoridade pública ficava estarrecida com os gastos públicos, ao observar os cofres vazios e a contabilidade demonstrando a falência do Estado (O DIABRETE, 13 out. 1878). Também criticava a corrupção política local, buscando demonstrar que, apesar da troca de vereadores, representados por bezerros, os novos edis continuariam "mamando" e usufruindo das benesses da Câmara Municipal, simbolizada por uma vaca, e explicava: "Pobre leiteira, mal engorda uns, já os outros estão chegando à teta..."[27] (O DIABRETE, 30 jan. 1881).

---

[26] Nesse caso o asno representa o símbolo da ignorância, o emblema da obscuridade, indicando a busca de seduções materiais (CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991. p. 93-94).

[27] A vaca aparece como o animal nutriz, bem como o símbolo da bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício (CHEVALIER & GHEERBRANT. 1991. p. 137).





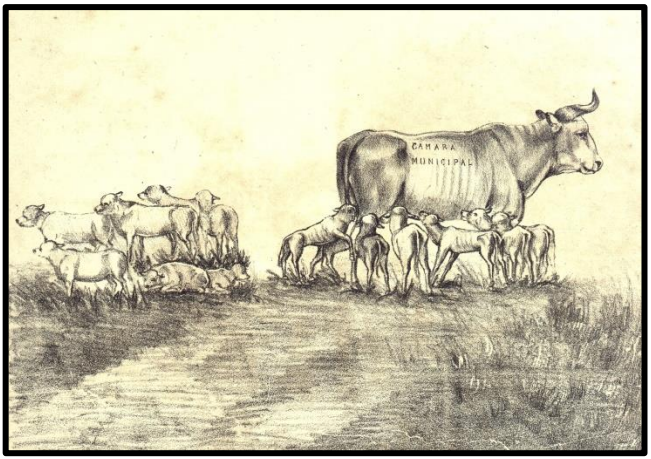
Nº 2 Rio Grande do Sul 13 de Outubro de 1878 Anno 4º

SCELERITATES PUNIT RISUS

# O DIABRETE

Redacção Rua Paysandú Nº 105

| ASSIGNATURA TRIMESTRE | NA PROVINCIA 5$000 | FORA DA PROVINCIA 6$000 | AVULSO 500 RS |
|---|---|---|---|




Nesse quadro, os políticos foram alvo constante do hebdomadário, como ao considerar que a vida política no parlamento resumia-se a "um amontoado de discursos estéreis, projetos de loterias e concessões que eram verdadeiras patotas", praticando-se naquele reduto "tanta retórica barateada, tanta eloquência perdida, tantos palavrões esperdiçados" (O DIABRETE, 4 maio 1879). A temática das "atuações e discursos inúteis" voltou a ser abordada, sob o título de "Bom deputado", sendo elabora um diálogo imaginário entre duas mulheres, uma delas esposa de parlamentar:

> O deputado, meu marido, dizia uma senhora, anda muito cansado. Chega da Câmara em um estado lamentável.
> – Mas não me consta que tenha falado. Ao menos nunca li discursos dele.
> – Não é por falar que ele cansa.
> – Então?

> – É por dizer "apoiado" e votar. Acha que é pouco? (O DIABRETE, 7 dez. 1879).

*O Diabrete* elaborou também diversas definições de política, considerando-a como "uma balbúrdia, em que nem os próprios que a promoviam se entendiam" (O DIABRETE, 19 out. 1879). Em outra dessas conceituações, a política aparecia como "uma espécie de lago de águas lodosas e deletérias, cuja profundidade era impossível atingir a sonda da observação e perspicácia" (O DIABRETE, 26 out. 1879). Nesse quadro, foi definida também a "política de alta escola":

> A política entre nós é uma espécie de banheira com água quente a ferver. Quem entra nela deixa-lhe no fundo a pele e o bodum e, boiando, à superfície, coisas voláteis e sutis, como a consciência e o caráter.
>
> A comparação pode pecar pela dureza da frase, mas – modéstia a parte – recomenda-se pela justeza e aplicação. (O DIABRETE, 7 dez. 1879)

O periódico apresentou uma versão sobre a situação política brasileira, representando o país por um índio[28] cercado por aves carniceiras, com um abutre e

---

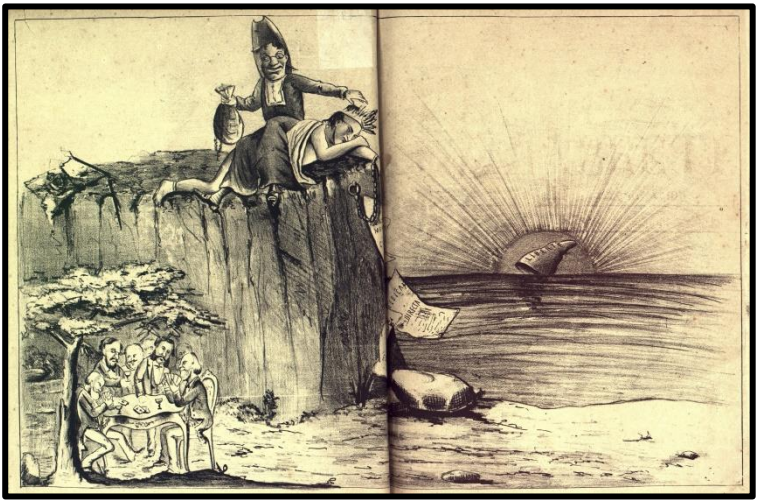
[28] O índio foi uma das representações mais utilizadas para simbolizar o Brasil, segundo Herman Lima, esta ideia, largamente difundida entre a imprensa caricata brasileira, havia partido do caricaturista Angelo Agostini, afirmando: "sendo de sua criação o índio brasileiro, robusto e atormentado, a simbolizar o país ou o povo de nossa terra". LIMA, Herman. Angelo Agostini: criador da caricatura

alguns corvos[29], a primeira ave tinha uma coroa, em uma alusão à própria monarquia, já os outros pássaros eram desenhados com um chapéu que os associava ao clero, com a afirmação: "As aves de rapina, supondo que o Brasil já é cadáver, adejam sinistramente à procura de carniça" (O DIABRETE, 25 maio 1879).

política no Brasil. *Revista Sul-América*. n. 136. Rio de Janeiro, Sul-América, 1954. p. 18.

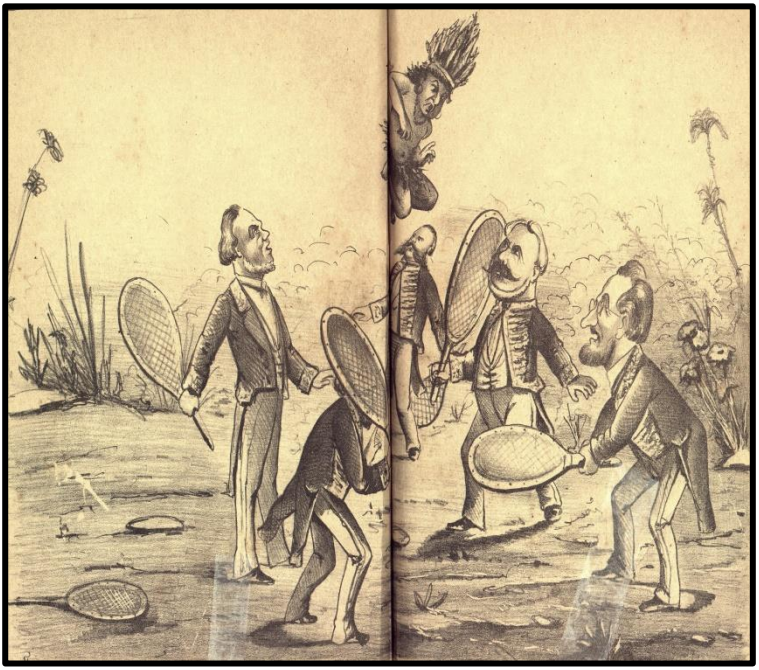
[29] O abutre pode ser associado ao devorador de entranhas e é um símbolo de morte. Já o corvo pode aparecer como uma figura de mau agouro, ligada ao temor da desgraça`, é uma ave negra, que plana sobre os campos de batalha a fim de se cevar na carne dos cadáveres (CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 9 e 293-294).

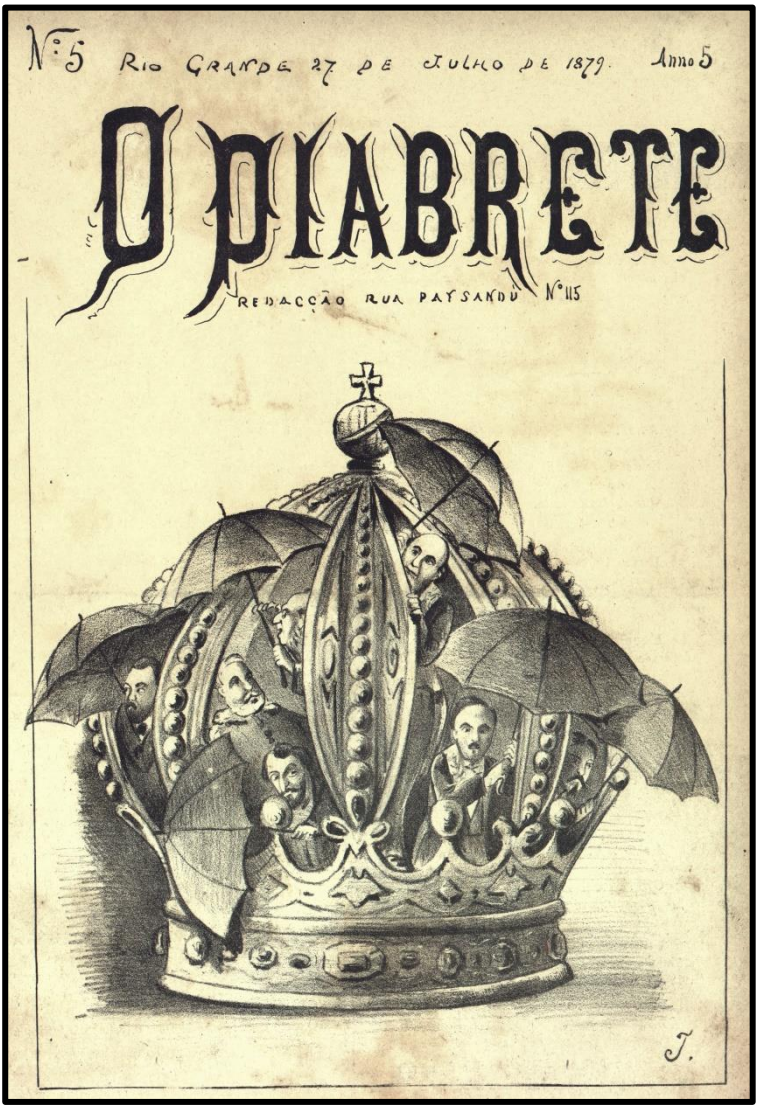
O periódico desenhou ainda o Brasil/índio dormindo à beira do abismo e os políticos jogando despreocupadamente, a sombra de uma árvore, enquanto o "clero" roubava o país e, no horizonte, surgia junto ao nascer do sol um barrete frígio, com a inscrição "*liberté*", simbolizando a forma republicana (11 maio 1879). Apesar de não ser um periódico notadamente adepto de tal forma de governo, o semanário rio-grandino, anunciava que os "erros" do regime monárquico poderiam levar até mesmo à mudanças institucionais. Serviam como legenda os seguintes versos: "Enquanto o Brasil dorme/ Num suplício agrilhoado / Contentes jogam a bisca/ Os nossos homens de Estado / Riem, folgam descuidosos / À sombra da impunidade / Mas em breve um sol formoso/ Nos trará felicidade".



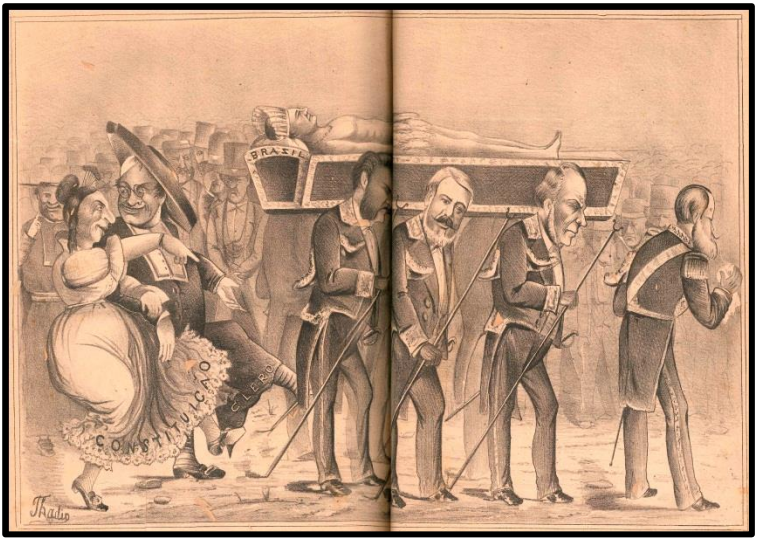
Ainda criticando a situação política do país, *O Diabrete* (O DIABRETE, 22 set. 1878) mostrava um diálogo entre D. Pedro I – que descia de sua estátua equestre – e o Brasil/índio, no qual o primeiro imperador perguntava: "Como vai você com a independência?", ao que o país, forçado pelo "governo", representado por um indivíduo coroado e com a espada da política, respondia: "Bem obrigado!". Diante disso, seguia-se o comentário: "Coitado, julga-se independente e está mais escravizado do que nunca...". A censura do semanário quanto a forma pela qual os políticos vinham tratando os assuntos nacionais foi também expressa em caricatura na qual declarava: "Estado atual do Brasil - estadistas e parlamentares julgam-se com o direito de fazer do Brasil peteca! Desgraçada pátria!"(O DIABRETE, 22 jun. 1879). A falta de convicções político-partidárias entre os atores políticos era igualmente denunciada, mostrando tais homens públicos mais preocupados em permanecer sob a proteção da coroa e escondidos embaixo de guarda-chuvas do que defenderem suas posturas ideológicas e/ou os interesses da nação (O DIABRETE, 17 jul. 1879).

RIO
AMAZONAS
POLITICA




Nº 5 Rio Grande 27 de Julho de 1879. Anno 5
O DIABRETE
Redacção Rua Paysandú Nº 115

Segundo a folha caricata (O DIABRETE, 29 jun. 1879), a carruagem que representava o Império Brasileiro encontrava-se desgovernada, com os políticos não conseguindo controlar o cavalo (no caso, simbolizando o povo), enquanto que o imperador assistia a tudo impassível. Cada um dos condutores do carro pretendia, de acordo com suas convicções partidárias, dirigir para lados diferentes, cena assistida ao longe pelos redatores do jornal, na figura do bobo da corte. Ainda nessa linha, *O Diabrete* representava o funeral do "Brasil/índio", promovido pelos políticos encabeçados pelo imperador, e diante da satisfação do "clero" de braços dados com a "constituição", que garantia ao catolicismo o caráter de religião oficial (O DIABRETE, 4 maio 1879). Os políticos eram também vistos como extremamente cobiçosos, sempre em busca de cargos, como foi o caso da disputa por uma cadeira senatorial, presenciada pela dama que representava a província e pela figura indígena que designava o povo, ambos envergonhados pelo despudor daqueles (O DIABRETE, 3 ago. 1879). Tais agentes públicos eram também vistos como inúteis, desperdiçando tempo em discursos e debates inócuos, ao invés de buscarem caminhos para o progresso nacional e atenderem os interesses da população (O DIABRETE, 12 set. 1880).


BRASIL
CONSTITUIÇÃO
CLERO

Assim, *O Diabrete* não caracterizou seus pronunciamentos de natureza política por uma identidade direta ou sistemática com o pensamento e/ou as atitudes dos dois principais partidos que dominavam o cenário nacional à época e nem mesmo com a incipiente agremiação republicana. Apesar dos elogios e homenagens prestadas a certos políticos, com notória vinculação partidária, tais manifestações não chegavam a demarcar um apoio deliberado às ideias político-partidárias dos grupos que eles representavam e sim, traziam uma forma de buscar, junto a estes, o atendimento a determinados interesses da sociedade. Desse modo, o periódico chegou a expressar certos pensamentos em comum com o ideário dos partidos que então disputavam o poder, essas opiniões, porém, não constituíram uma unidade discursiva que servisse a uma vinculação partidária bem definida. A opção por uma crítica à política, sem uma identidade partidária específica, acompanhava o conjunto do comportamento editorial do semanário, através do qual ele buscou adotar um papel de moralizador da sociedade, fiscalizando-a e denunciando os desvios de conduta de seus elementos constitutivos. Nesse quadro, a política aparecia como mais um desses elementos, devendo, portanto, ser também moralizada, fiscalizada e corrigida em suas mais diversas mazelas, missão que deveria ser exercida, segundo suas próprias concepções, pelo representante do periodismo ilustrado-humorístico rio-grandino cujo título aludia a um pequeno diabo.

COLEÇÃO

# RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025

ISBN: 978-65-5306-114-9